

ILUSTRACÃO



4.º ANO
NÚMERO 89

Lisboa, 1 de Setembro de 1929

PREÇO
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



V
E
R
A
M
O
N

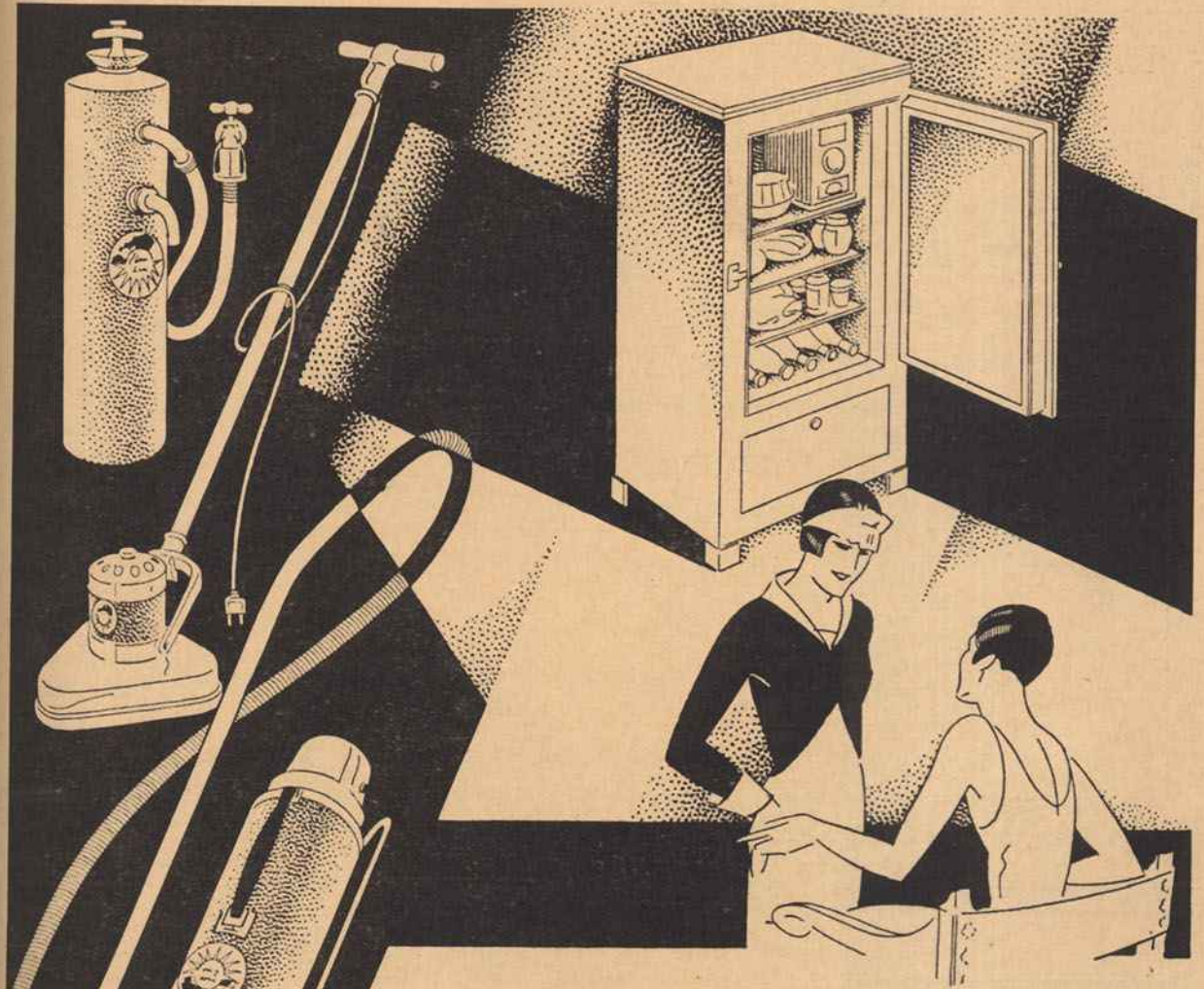
60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dor e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz. /



**COMODIDADE E HIGIENE
NA VOSSA CASA**

ASPIRADORES

COM APLICAÇÃO
PARA TODA A LIM-
PEZA NUMA CASA

FRIGORIFICOS

SEM MOTORES, SEM BARU-
LHO, SEM VIBRAÇÃO

FILTROS PARA AGUA

LIVRA A AGUA QUIMICAMENTE
DE TODAS AS IMPUREZAS

ENCERADORES

DÃO IMEDIATAMENTE UM BRI-
LHANTE LUSTRO AO CHÃO

Praça dos Restauradores, 72

Telefone N. 4157

LISBOA

Electrolux

Avenida dos Aliados, 9

Telefone N.º 2033

PORTO

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS
dá á pele uma beleza e uma
frescura incomparáveis.

De finissima qualidade, quasi imperceptível, não
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A venda em todas as boas Casas
AGENTES BRASIS STETTEN & C.ª Lda 118, RUA DA MADALENA LISBOA



O refresco ideal!

Para mitigar a sede durante a época calmosa, sem prejudicar a saúde, não ha como os saes de fruta ENO. De sabor agradável, o ENO não só mata a sede como é, por assim dizer, a salva-guarda natural da saúde, que tanto se resente com os grandes calores! O ENO é um bom amigo do estomago e do figado, e de grande beneficio para o intestino que, com a sua ajuda, se conserva no estado de limpeza tão necessario á saúde.

O ENO pode ser tomado como limonada, adicionandose-lhe sumo de limão ou de qualquer outra fructa.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & C.ª LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "ENO", assim como o estilo, são marcas da fabrica registadas.



"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos".

Rins

Cólicas nefriticas X X X
Albuminúria X X X X
Lesões X X X X X X X

Figado

Cólicas hepáticas
Cirrose, Ictericia X
Congestão X X X X
Diabétes X X X X X

Bexiga

Retenção X X X X
Incontinencia X X
Calculos X X X X
Cistite, etc. X X X

Os doentes com estas afecções podem beber sempre a água preparada com os

LITHINÉS du D'GUSTIN

que é agradável, alcalina, efervescente. É diurética, digestiva, podendo misturar-se com vinho ou xaropes, aos quaes dá um magnifico sabor.

A venda nas Farmacias.

Os Tres Melhores
APPARELHOS
de
photographia
estereoscopica

Jules Richard



VÉRASCOPE
45-107 6-13 7-13
GLYPHOSCOPE
45-107 6-13
HOMÉOS
27 VISTAS SOBRE PELLICULAS

ENVIAR SE O CATALOGO A QUEM O SOLICITAR

Sr. A^{me} des E^{ts} JULES RICHARD. 25 RUE MELINGUE
MAGASIN DE VENTE 7, RUE LA FAYETTE PARIS

75.552.778

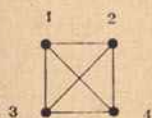


A esquerda está representado um telefone. Um telefone só não tem utilidade alguma!!!!

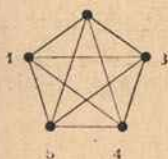
São necessários 2 telefones para uma conversação. Está inaugurado o serviço. O número 1 fala para o n.º 2, ou vice-versa.



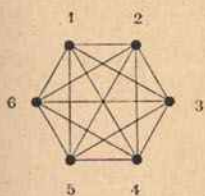
A estação está aumentando. Já tem 3 telefones. O n.º 1 fala para o n.º 2. O n.º 1 fala para o n.º 3 e o n.º 2 fala para o n.º 3. E é tudo. Três telefones, três conversações.



Sempre aumentando. Já há 4 telefones. Com 4 telefones conseguem-se 6 conversações!



Os telefones multiplicam-se. A rede atinge o número de 5 telefones. Com 5 telefones podem efectuar-se 10 conversações diferentes!



6 telefones! 15 conversações diferentes!

E assim continua a valorização da rede. Cada telefone que se instala aumenta o número de combinações possíveis de conversação. A **12.293** telefones em Lisboa corresponde o número acima: **75.552.778** conversações diferentes. Mas a rede de Lisboa já vai além daquele número. Imagina!

Imaginal o poder de que dispõe o telefone!!!

A vida toda ao alcance da mão. Telefonar é o grande recurso. Muita gente tem telefone e não se usa dele, sendo o caminho mais curto e mais rápido para chegar a toda a parte...

**DE TODA A PARTE, A TODA A HORA,
NÃO PERCA TEMPO : TELEFONE!**

THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE COMPANY, LTD.

45, RUA NOVA DA TRINDADE

TELEFONE 4200

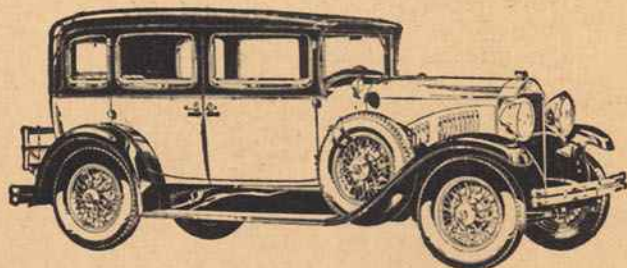
LISBOA — PORTUGAL



FLYING CLOUD O AUTOMÓVEL DE DISTINÇÃO

Os automóveis REO tornam-se notáveis por um especial cunho de elegância e distinção, pela perfeição da sua mecânica que não tem confronto e pelo seu reduzidíssimo consumo

O CONSUMO DE GASOLINA DOS AUTOMÓVEIS REO TORNAM-O O MAIS ECONÓMICO DOS CARROS AMERICANOS



1.º PREMIO DO CONCURSO DE ELEGANCIA E CONFORTO
DAS CALDAS DA RAINHA EM 11 DO CORRENTE

Em experiências feitas e rigorosamente fiscalizadas por quatro dignos directores da bem conhecida Cooperativa dos Taxis de Lisboa, em carros REO recentemente adquiridos por esta Cooperativa, o consumo foi de *131,3 (treze litros e três decilítros) aos 100 quilómetros, dentro de Lisboa*

Preços, os da tabela de exportação REO, comprovados pelas revistas de automobilismo americanas

SRS. AUTOMOBILISTAS, NO VOSSO PRÓPRIO INTERESSE
VISITEM O NOSSO STAND

CONTRERAS & GARRIDO, L.^{da}
AVENIDA DA LIBERDADE, 165 a 171
TEL. N. 789 (P. B. X.) — LISBOA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

A sair dentro de poucas semanas:

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS

Nova edição, muito melhorada e abrangendo os mais recentes progressos da industria automobilista.

*A mais completa obra do género
que existe em lingua portuguesa*

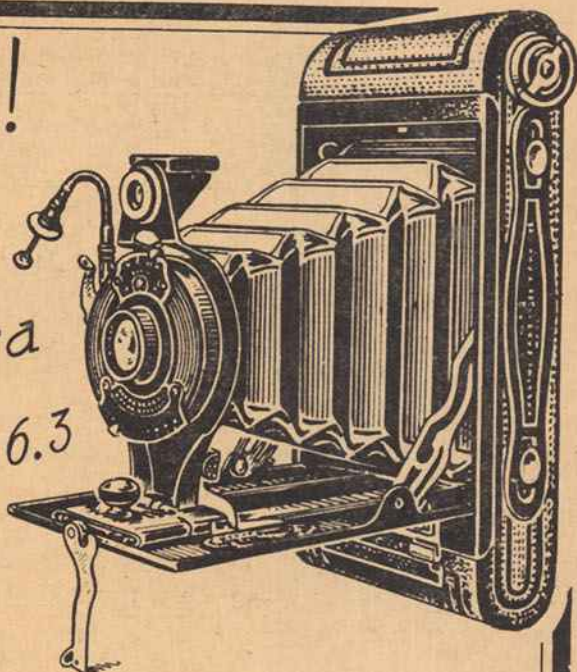
DIRIGIR PEDIDOS ÀS:

LIVRÁRIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MAGAZINE
BERTRAND

VEJAM O NÚMERO DE SETEMBRO
CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

Por 280\$00!
 um "Kodak"
 com verdadeira
 anastigmática f. 6.3



V. Ex.^a deseja levar convosco para férias, um aparelho fotográfico, cómodo, pratico e simples e que, sendo pouco dispendioso, possua uma objectiva de bastante luminosidade para fixar, com perfeita nitidês, todo o encanto das horas maravilhosas que ides viver

"Kodak Hawk-Eye"

com objectiva verdadeira anastigmática f. 6.3

é o aparelho que corresponde exactamente aos vossos desejos. A sua objectiva, tão penetrante como os olhos do falcão, munida dum obturador de precisão "Kodex", a solidez dos seus orgãos, a sua especial facilidade de manejo, tudo vos garante que, com ele, nenhuma das vossas fotografias será perdida.

"Kodak Hawk-Eye", 6×9 cms., com objectiva acromática . . .	220\$00
"Kodak Hawk-Eye", 6×9 cms., com objectiva rápida reclinável	250\$00
"Kodak Hawk-Eye", 6×9 cms., com objectiva anastigmática f.6.3	280\$00

Uma nota importante

V. Ex.^a pode adquirir um "Kodak", pagando-o em dez prestações mensais, o que vos permitirá escolher um melhor modelo. Dirija-se à casa de artigos fotográficos mais próxima e peça detalhes sobre a maneira de aproveitar as vantagens do Sistema "Kodak", de Vendas a Prestações.

Película "Kodak,"

Para terdes a certeza de obter bons resultados deveis usar sempre Película "Kodak," — na sua conhecida caixa amarela

Papel "Velox,"

Exija sempre que as vossas provas sejam impressas em "Velox," o papel expressamente fabricado para trabalhos de amador.

Kodak, Limited — Rua Garrett, 33 — LISBOA

A' MULHER EXIGENTE...**ARTE DE A CONTENTAR!**

O pó de arroz BENAMOR é, indiscutivelmente, o produto do seu genero que maior consumo tem actualmente em Portugal. A prodigiosa preferencia que lhe dá o publico feminino fala bem alto sobre a sua qualidade e é a prova evidente que a mulher moderna, a mulher que se sabe perfumar e sabe ser elegante, conhece já os bons produtos de belesa e sabe inteligentemente escolhê-los.

Pois, para corresponder a tão ostensiva frequencia lançou-se agora no mercado o

NOVO PÓ DE ARROZ BENAMOR

em elegantes caixas dum refinado modernismo (em tom lilaz) que se vendem aos mesmos preços de sempre:

QUADRADAS A 2\$50; REDONDAS A 6\$00!

Este pó de arroz, de qualidade rigorosamente igual ao da caixa do "Gato", vai perfumado com a deliciosa essencia

"LA VERBENE" DE NALLY

que só por si lhe dá uma adoravel distincção. Perfume novo numa embalagem linda!

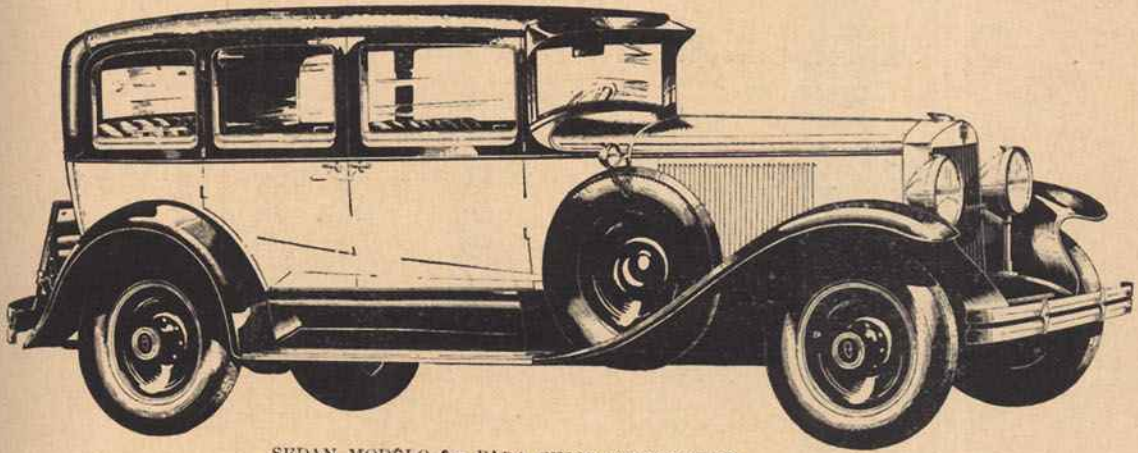
Peça portanto, minha senhora, d'ora ávante, em todos os bons estabelecimentos o

PÓ DE ARROZ BENAMOR — CAIXA LILAZ

sendo bom notar que as antigas caixas com o gato, continuam a vender-se, como sempre, aos mesmos preços. A qualidade do produto é igual e igual o seu custo. Apenas difere na elegancia da caixa e no seu novo perfume, duma verdadeira sedução.

PEDIDOS A SECÇÃO DE PERFUMARIA DA "EVA"

Largo Trindade Coelho, 10 — LISBOA



SEDAN MODELO 527 PARA CINCO PASSAGEIROS

VANTAGENS DE QUATRO VELOCIDADES

*Duas Altas Velocidades
Mudanças Tipo Comum*



A Graham-Paige oferece uma larga variedade em tipos de carroceria, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo em cinco diferentes chassis de seis e de oito cilindros — a preços diversos. Todos são equipados com a mudança de quatro velocidades, excepto o Modelo 612.

GUIANDO um carro de quatro velocidades o automobilista dispõe de duas altas velocidades em vez de uma. A mudança é do tipo comum — pode-se partir em segunda, mudar para terceira e daí para quarta. A primeira fica em reserva, disponível a qualquer momento porem raramente empregada. A mudança de quatro velocidades oferece uma nova sensação ao automobilismo — que convidamos a v. ex.^a a apreciar.

*Joseph D. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA—Salão de Exposição e Serviço, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel.—(P. B. X.) N-2595

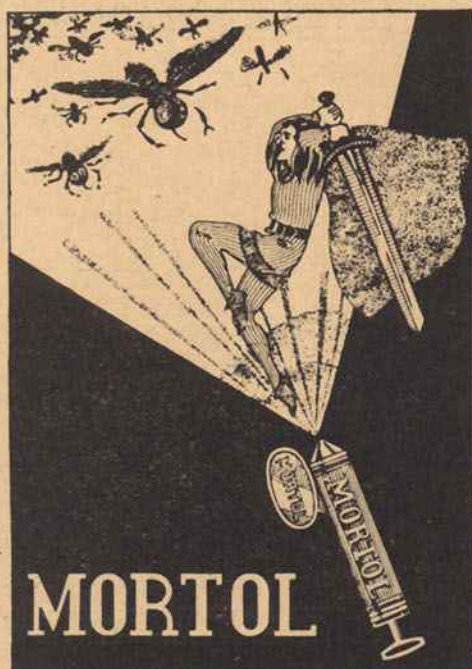
Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA}—129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

**EIS O INSECTICIDA LIQUIDO
POR EXCELENCIA**

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)



O INSECTICIDA MORTOL

**POSSUI UMA EFICÁCIA DE 30 % SUPERIOR
A QUALQUER OUTRO**

A' venda nas principais drogeries, mercearias, etc., e por grosso na
THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^A LTD.

SHELL

RUA DO CRUCIFIXO, N.º 49

Delegações em Pôrto, Coimbra e Faro

Agências em todo o País

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procelção)

Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 89

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

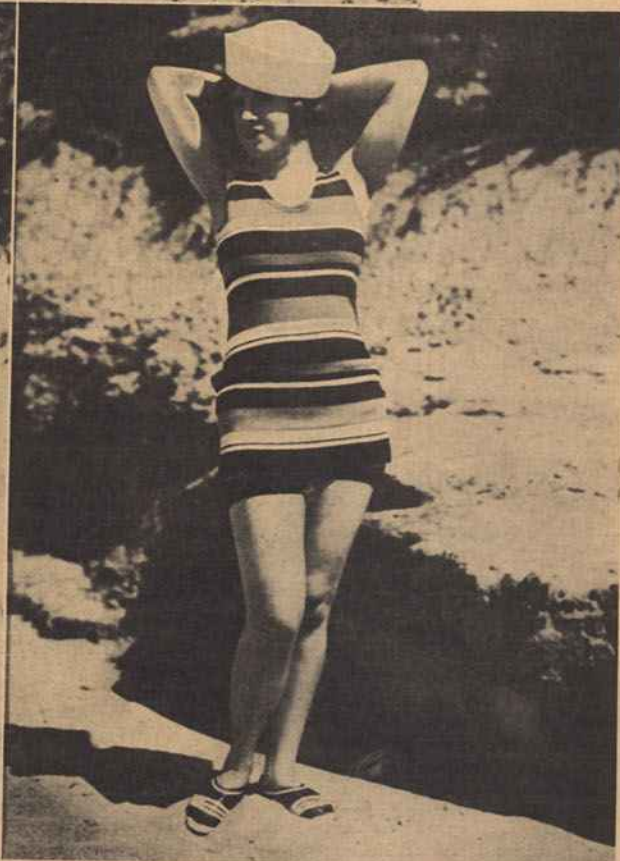
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
&
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : T. 821 a 824

1 DE SETEMBRO DE 1929



NAS
PRAIAS
DA
COSTA
DO
SOL



NO RSTORIL. — UM GRUPO DE SENHORAS DA ALTA SOCIEDADE, A BANHOS NAQUELA FORMOSA PRAIA. — A «VIDEETA» DO CINEMA ALEMÃO, DINA GRALLA, E A ATRIZ PORTUGUESA IRENE ISIDRO PREPARANDO-SE PARA MERGULHAR NAS ONDAS

CRÔNICA DA QUINZENA

Esta crônica, escrita a oito dias do fim do mês, não pode ser afirmativa sobre qualquer dos magnos sucessos da quinzena — a conferência da Haya e o conflito russo-chinês.

Nenhum destes sucessos pode ser indiferente a Portugal, o primeiro porque lança mais um elemento de desordem na desordenada vida da Europa; o segundo porque ameaça a paz do Mundo.

Faltou aos homens de Versailles, os que negociaram a paz em 1919, uma visão larga do futuro, e por isso criaram dificuldades que o tempo converteu em perigos. Meteram-se a fabricar nacionalidades, retalhando aqui, integrando além, pouco respeitosa da tradição e da História, ingenuamente crentes na possibilidade dum Equilíbrio Europeu, forte e estável, realizado à custa de violências incontinentes e de artifícios subtis.

Há onze anos que acabou a Grande Guerra, e ainda na Europa não houve um dia de sossego, uma hora de repouso, todas as actividades úteis empregando-se em trabalhos fúteis. Ruiu quase todos os tronos, mas as Repúblicas de nova formação ainda não conseguiram, pelo exercício de liberdades democráticas, assegurar uma tranquillidade duradoura, a paz interna, sem a qual não há Nações prósperas e felizes.

Atribuída à Alemanha toda a responsabilidade da guerra, seria justo exigir-lhe a reparação, o mais possível completa, dos prejuízos e danos que causara. Foi assim que ela procedeu com a França, em 1870. Antes de fazer contas ao que a França poderia pagar, Bismarck fixou o quantum a Alemanha devia receber, vindo a arrender-se, mais tarde, de não ter exigido mais alguns bilhões, que a França teria pago da mesma maneira, e com a mesma prontidão. É verdade que então o jogo era entre dois parceiros, um dos quais não fizera vaza, chegando ao fim da partida sem um triunfo na mão. O jogo de 1919 era entre muitos parceiros, todos alegando bons direitos a levantarem da meza um bocadinho de arregalar o olho, e alguns tendo as mãos cheias de triunfos, prontos a recommear o jogo, mas agora contra os aliados da véspera.

Se a Alemanha tivesse ficado vencedora, o problema das reparações ela o teria posto como uma regra de três simples, e pronta seria a sua resolução — pronta e cabal.

Certo é que da conferência de Versailles, em 1919, não saíu aquela paz octaviana, por que todos almejavam, parecendo até que o famoso palácio do rei sol se convertera em boeta de Pandora, que nunca deveria ter-se aberto, para bem da Humanidade.

A Inglaterra declara que não fará mais sacrificios pelos outros; que está farta de abrir os cordões à bolsa, acudindo aos embaraços

alheios e deixando que se avolumem os embaraços próprios. Quere contas de Companhia, feitas por singelos processos aritméticos, e não se lembra que a Alemanha, invadindo a Bélgica para guerrear a França, era contra a Inglaterra que fazia marchar os seus exércitos.

Que resultados práticos terá a conferência da Haya?

Ou fica tudo como estava, ou as exigências inglesas serão, em parte, satisfeitas... à custa das Nações pequenas.

Bem disse o velho Phedro:

Humiles laborant ubi potentes dissident.

que o grande Patagónia traduziria assim:

Quando os grandes se pegam, os pequenos é que apanham.

• • •

Quanto ao conflito russo-chinês...

A guerra ainda não foi declarada entre as duas nações, as maiores do Mundo; mas os conflitos de fronteira, que a imprensa regista, são já duma gravidade tal, que as conversas diplomáticas talvez não possam entrar a marcha dos acontecimentos, e essa marcha faz-se no sentido de se resolver a contenda pela força das armas. Se não houvesse o perigo de se generalizar o debate, valia a pena deixar que os cidadãos de Pequim e os camaradas de Moscou livremente ajustassem as suas contas, sendo desejável que lhes acontecesse como aos grilos da anedocta.

O pior é que o resto do Mundo, em todos os continentes, não poderia assistir, de braços cruzados, a essa luta de gigantes, melhor dizendo, talvez, a essa luta de Ciclopes, sem olho na testa.

O triunfo de Moscou seria a lepra bolchevista alastrando por toda a superfície da terra habitada; o triunfo de Pequim seria o primeiro grande passo da gente amarela no sentido de firmar a sua hegemonia sobre as raças brancas, cujas nacionalidades, no dizer de Muret, se encontram já na fase crepuscular — *Le Crépuscule des Nations Blanches*.

Com a intervenção da Sociedade das Nações, ou sem a intervenção dessa famosa charranga, ainda é possível levar os russos e os chineses a conversas amigáveis, a fórmulas

de conciliação que evitem a guerra, por enquanto.

Uma guerra entre a Rússia e a China, neste momento, ainda não seria uma guerra de continentes; mas seria, talvez, o prelúdio dessa guerra, que a muitos se afigura próxima, e a todos se afigura inevitável pelo caminho que as coisas levam, de cada vez mais inquietos os espíritos, de cada vez mais complicados os interesses, de cada vez mais desenfreadas as ambições.

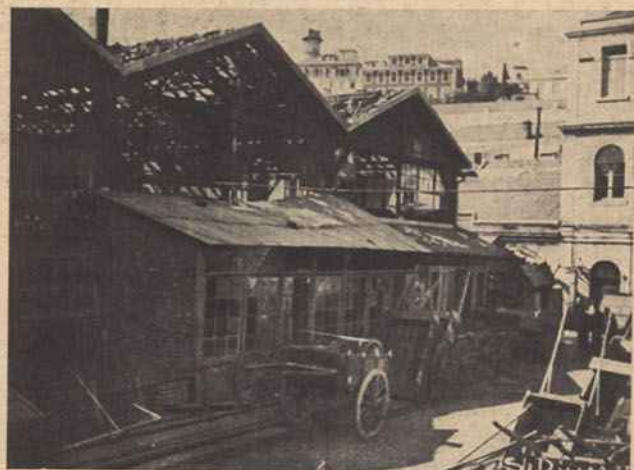
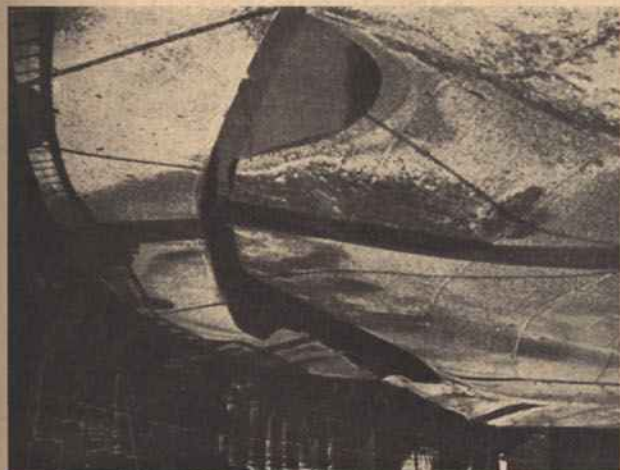
No mundo inteiro há para cima de 900 milhões de asiáticos, e só a China, à sua parte, conta entre 400 e 500 milhões de bicos neste imenso formigueiro. Mas a China nem sequer é toda a Asia, como a Rússia, com mais de cem milhões de hectares de superfície e uma população que deve variar entre 110 e 120 milhões de habitantes, não é toda a Europa. O japonês é amarelo como o chinês, e hoje o Japão conta perto de setenta milhões de habitantes, pouco mais ou menos a população da Alemanha, antes de guerra. Aos nipónicos, que legitimamente aspiram à hegemonia dos povos asiáticos, não pode ser indiferente uma guerra entre chineses e russos, guerra que poderia ter como resultado deslocar o eixo da política oriental, senão imediatamente, pelo menos em futuro próximo, em benefício da raça branca, da raça que eles ainda há poucos anos ollavam de baixo para cima, e já hoje têm velocidades de olhar de cima para baixo.

Tanto como ao Japão, à Inglaterra e à França, nações da Europa com grandes domínios na Asia, não poderia ser indiferente uma guerra sino-russa, a menos que se assegurassem, o que não seria fácil, de grandes e bem estabelecidas vantagens, fosse qual fosse o vencedor. Entre hindús e muçulmanos, a população da India inglesa deve orçar por 120 milhões de habitantes, dos quais são muçulmanos apenas uns quarenta milhões, ou seja a terça parte. A França seria tão doloroso perder a Indo-China como foi doloroso, em 1870, perder a Alsácia e Lorena, e para não a perder empenharia os máximos esforços e impôr-se-ia os máximos sacrificios, Nação eternamente sacrificada, sofrendo ao longo da História, por amor dos outros, numa alcinção bendita de sonho, todos os tormentos, todas as desgraças que o Destino reserva, no dizer de Reman, aos povos redentores.

Por certo temos que haverá guerra, e muito próxima, uma guerra que será ainda entre Nações, prelúdio de uma guerra de continentes, conforme a visão longínqua e certa do que se chamou em vida, e foi nosso inimigo, Cecil Rhodes.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

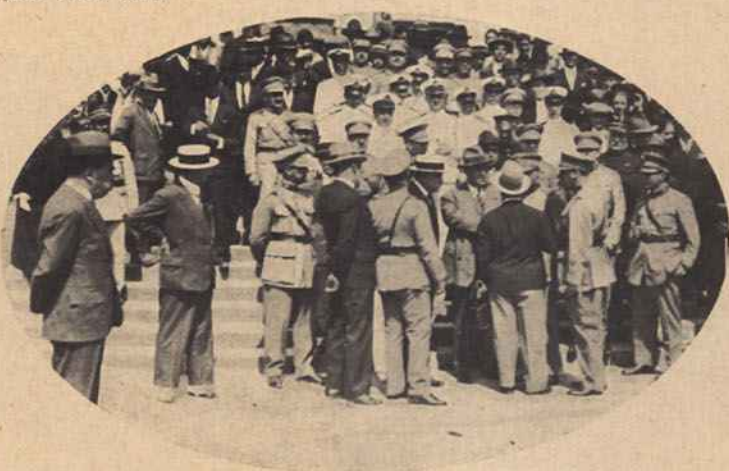
ACTUALIDADES



A EXPLOÇÃO NA COMPANHIA DO GÁS. — À esquerda: o estado em que ficou a câmara do gasómetro; à direita: os destroços causados nos armazéns próximos da fábrica
(Fotos Salazar Denis)



Grupo de gentis damas de Guimarães que nesta cidade efectuaram uma festa da flor em benefício dum artístico templo a ser erigido no Monte da Penha, subúrbio daquela cidade



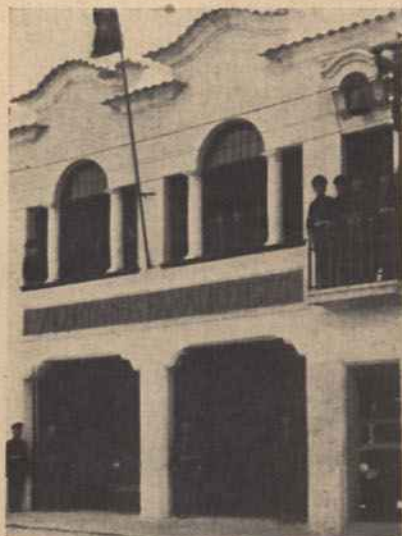
A FEIRA DE AMOSTRAS EM VIANA DO CASTELO. — Chegada do sr. ministro do Comércio que ali foi inaugurar o interessantíssimo certame

(Cliché Aureliano Carneiro)



AS FESTAS DA AGONIA EM VIANA: — O torneio de tiro aos bombos promovido pelo Sport Club Vianense. Alzadares portugueses com os vencedores, sr. D. Manuel Trillo, do Club de Vigo, e D. Bernardo Lopez, campeão da Galiza

(Cliché Aureliano Carneiro)

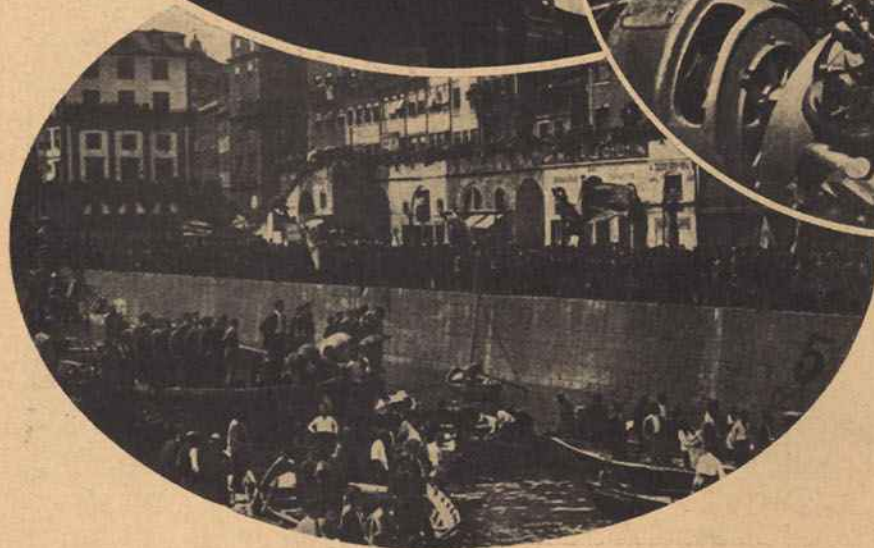
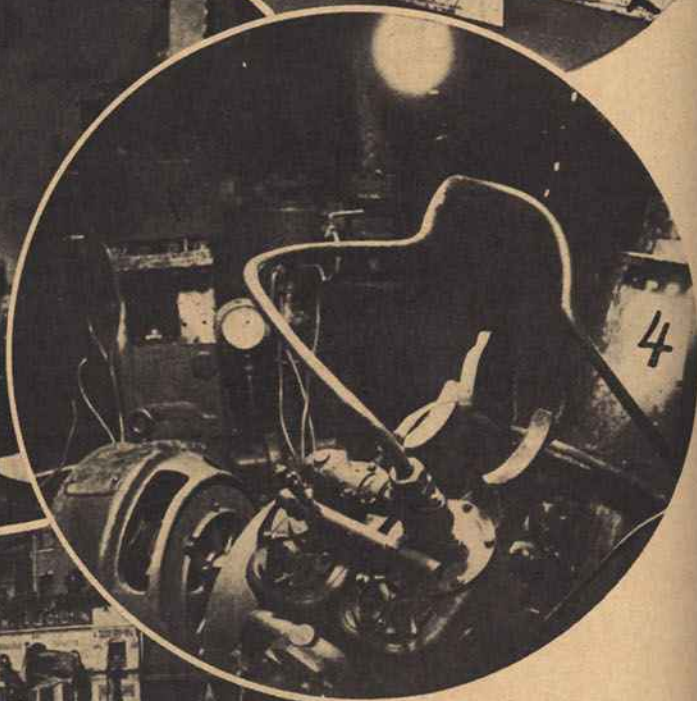
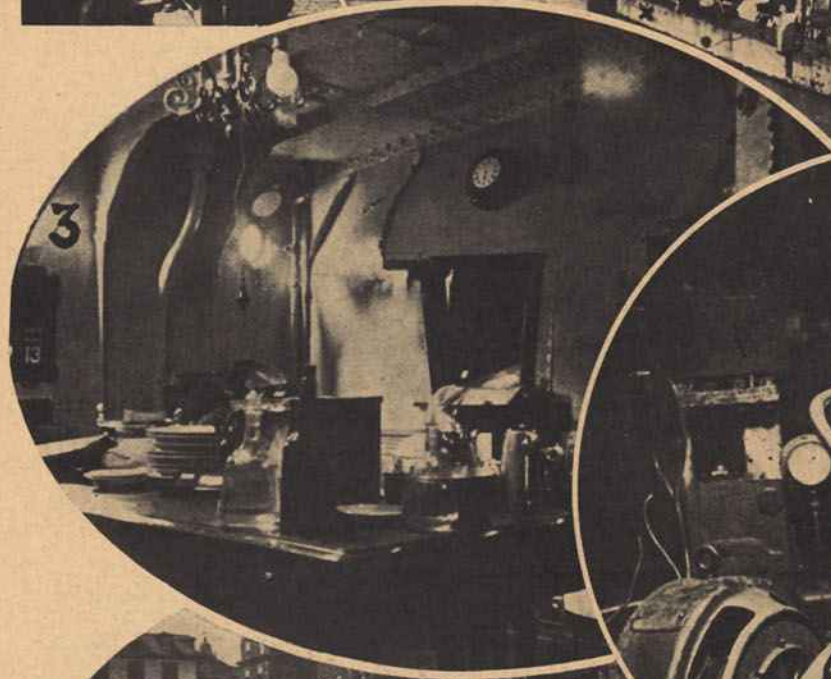
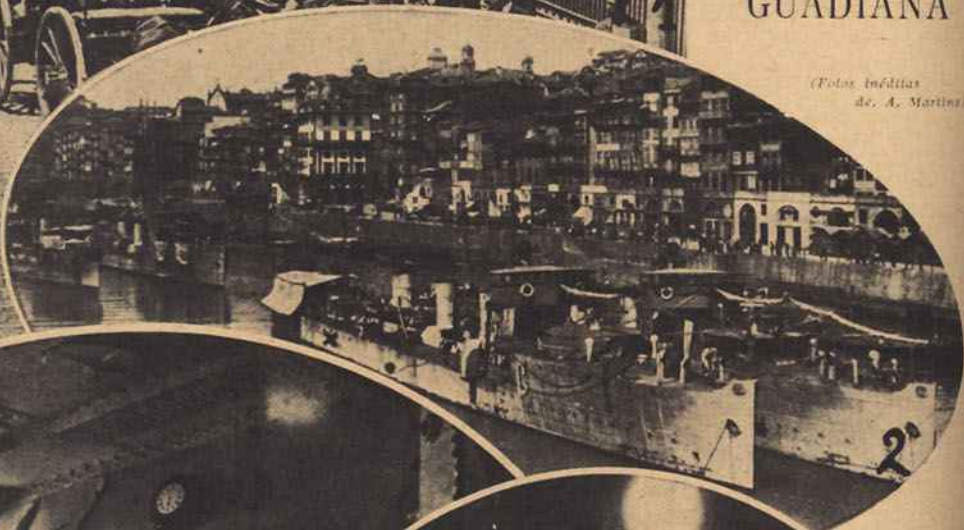
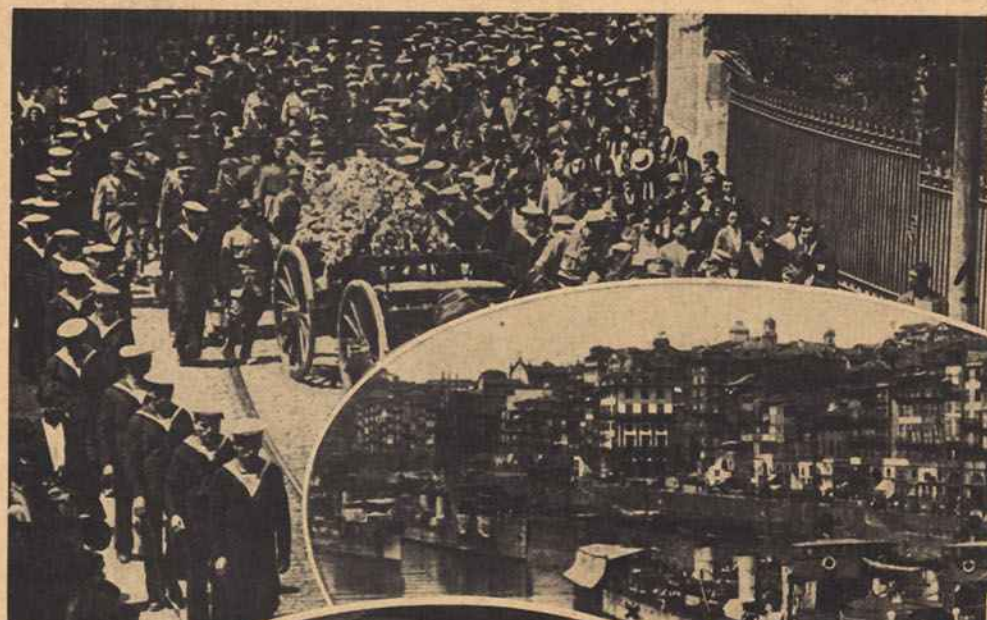


EMI FAMILIÇÃO: — O novo quartel dos Voluntários Famalicenses inaugurado no dia 29 de Julho

(Foto Rebelo)

A EXPLOÇÃO A BORDO DO "GUADIANA"

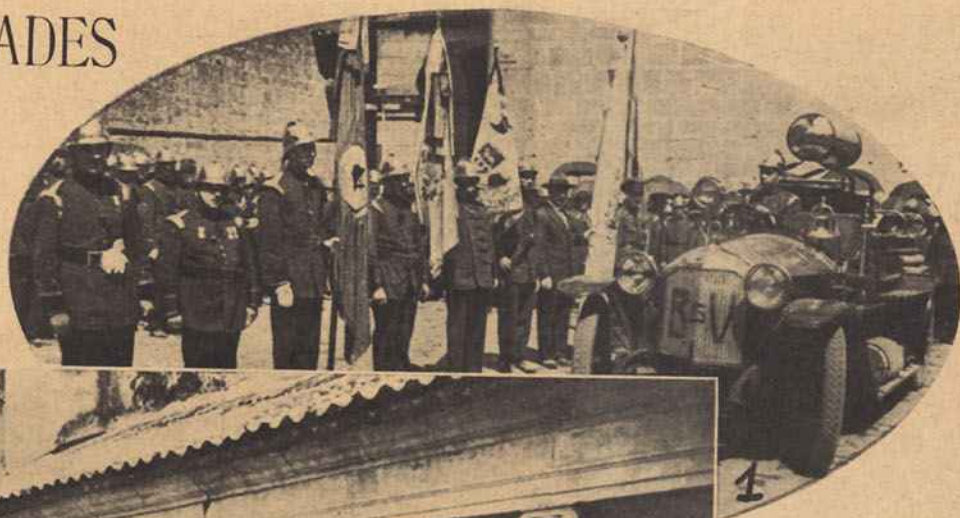
(Fotos inéditas
de A. Martins)



A terrível explosão a bordo do contra-torpedeiro Guadiana infelizmente não causou somente estragos materiais. A violência do desastre causou a morte de alguns bravos marinheiros portugueses e feriu onze destes. As nossas fotos apresentam:

- 1 — Um aspecto do funeral do marinheiro Simão Chorinca
- 2 — O Guadiana atracado no cais da Ribeira, no Porto, vendo-se marcado com 'x' o local da explosão
- 3 — O estado em que ficou a casa de jantar dos oficiais
- 4 — A casa das máquinas depois da explosão
- 5 — O cais da Ribeira ao chegarem ali os feridos e o cadáver do marinheiro Simão Chorinca

ACTUALIDADES DO NORTE



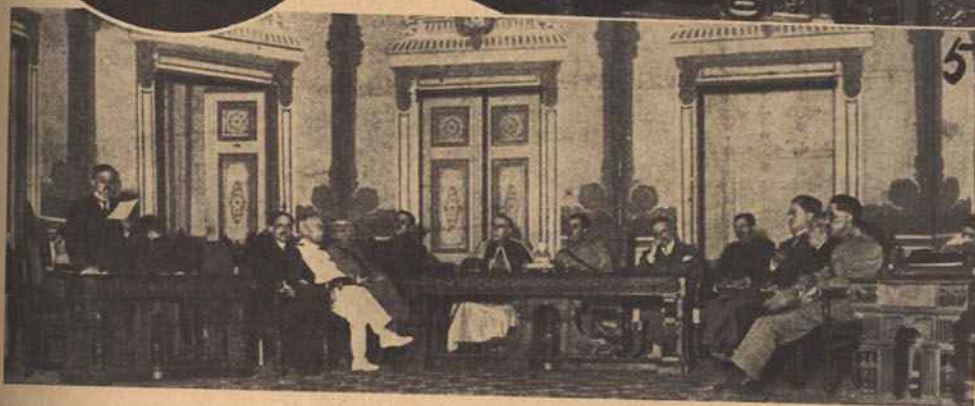
1— Em Amarante: a inauguração do novo carro de pronto socorro dos Bombeiros daquela vila.



2— Nos claustros do convento de S. Gonçalo de Amarante: um aspecto da assistência ao Pôrto de honra com que foi solenizada a inauguração do aludido carro de pronto socorro.



3— O Congresso Minhoto: a mesa da presidência vendosa, da esquerda para a direita, o



sr. capitão de fragata Nogueira; o comandante militar de Viana, sr. coronel Cesário da Silva; o sr. arcebispo de Braga; o governador civil de Viana, sr. major Carlos Barros, etc.

4— Em Amarante: A madrinha do pronto socorro, sr.ª D. Maria Augusta Carvalho Teixeira.

5— Aspecto do palco do teatro de Miranda por ocasião da abertura do Congresso Minhoto.

(Fotos Álvaro Martins)

AS FESTAS DE VIANA DO CASTELO

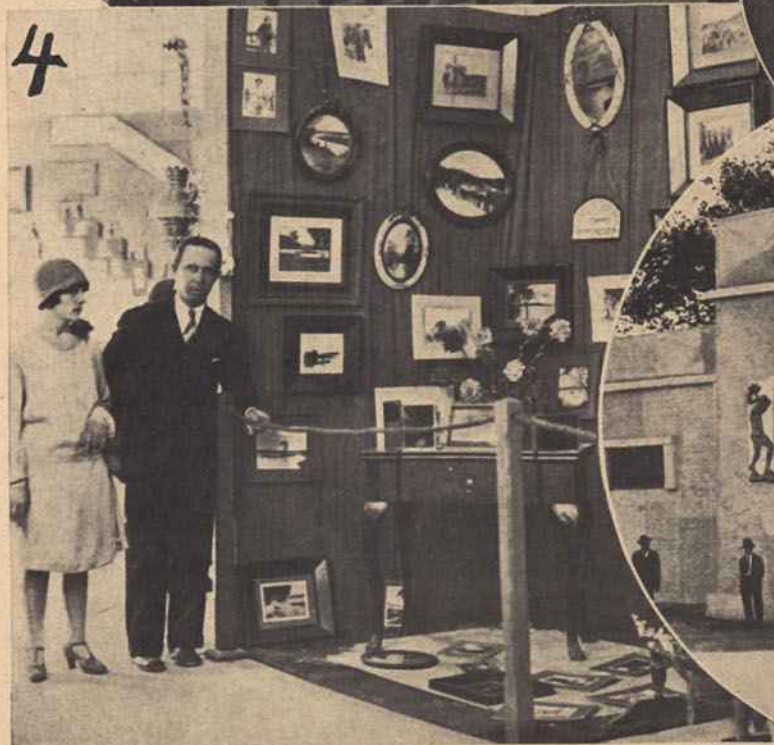
1— Aspecto da exposição nacional, visto-se entre produtos de arte aplicada, o material de T. S. F. de João Branco

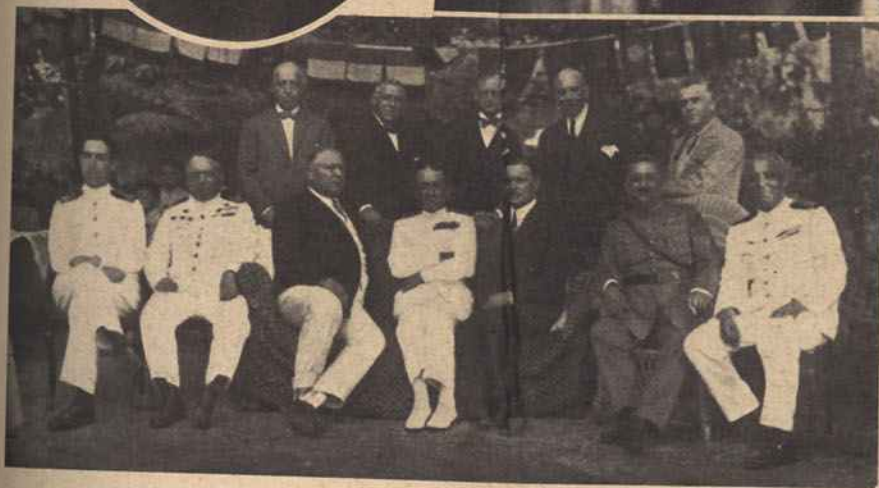
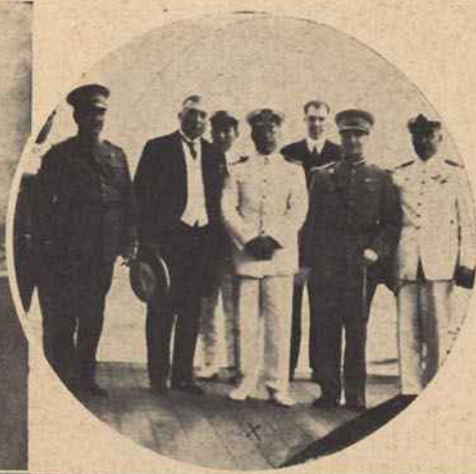
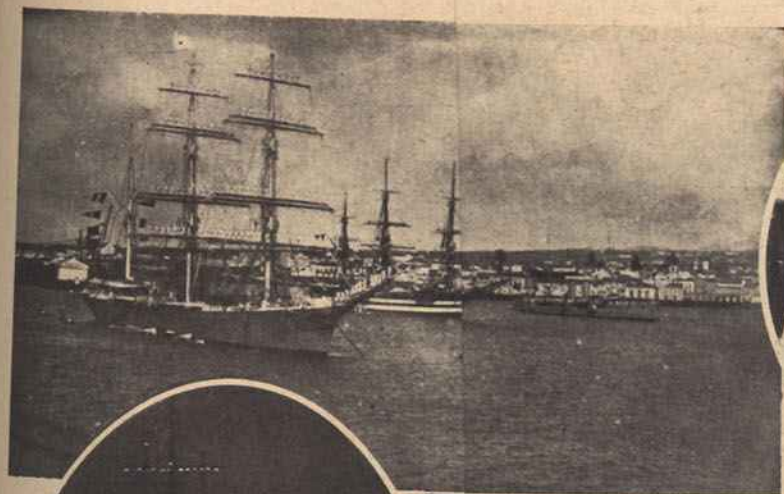
2— O pavilhão de Viana do Castelo

3— Jornalistas portugueses e estrangeiros que assistiram ao Congresso

4— No pavilhão de Viana. — A formosa exposição de fotografia de arte do distinto amador Aureliano Carneiro (corresponsável da *Ilustração*) e que foi um dos grandes sucessos do certame

5— O pavilhão de Braga
(Fotos Aureliano Carneiro)





ACTUALIDADES AÇOREANAS

A visita a Ponta Delgada dos navios-escola argentino «Presidente Sarmiento» e italiano «Cristoforo Colombo»

Realizaram-se ultimamente em Ponta Delgada festas muito brilhantes em honra das officialidades de dois navios-escola: o «Presidente Sarmiento», argentino, e o «Cristoforo Colombo», italiano, promovidas pelos respectivos consules srs. Albano Pereira da Ponte e José Tavares Carreiro.

Foi uma série continua de passeios, excursões, garden-parties, bailes, banquetes, etc., que permitiram aos officiaes e cadetes dos dois navios admirar as famosas belezas naturais da Ilha de S. Miguel e conhecer a sociedade micaelense.

Uma grande elegância e a maior distincção caracterizaram sempre todas as festas e as vestiram de desusado brilho. Todos os officiaes confessaram andar de maravilha em maravilha. Os officiaes estrangeiros retribuiram-nas com

outras realizadas a bordo dos seus navios: um almoço no «Presidente Sarmiento», e um baile no «Cristoforo Colombo» que se apresentou nessa noite teatralmente illuminado. Nas festas tomaram também parte os officiaes dos navios de guerra portuguezes «Vasco da Gama», «Sagres» e «Zaire» que se encontravam em Ponta Delgada. A bordo dos dois primeiros foram também oferecidos um almoço e um jantar aos officiaes da «Colombo». Os sargentos da «Sagres» também ofereceram um jantar aos seus camaradas italianos.

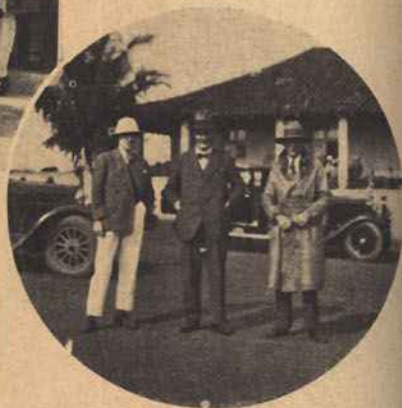
O «Colombo» saiu no dia 7 com destino a Inglaterra, sendo à sua saída do porto de Ponta Delgada, saudado pelas guarnições do «Vasco da Gama», «Sagres» e «Zaire» que se estendiam pelas vergas e cobertas dos navios.

As nossas fotos representam, de cima para baixo e da esquerda para a direita:

Saída do porto de Ponta Delgada do «Cristoforo Colombo», passando entre a «Sagres» e o «Vasco da Gama». — Almoço a bordo do «Presidente Sarmiento», o comandante sendo à direita o consul da Argentina e à esquerda o sr. governador civil. — O «Cristoforo Colombo» illuminado na noite da festa a bordo. — As mesmas illuminações vindo-se no primeiro plano a «Sagres» também illuminada. — «Garden-party» nas Caldeiras, na propriedade do consul de Itália: sentados, comandante da «Zaire», comandante do «Vasco da Gama», consul de Itália, comandante do «Cristoforo Colombo», governador civil do distrito, comandante militar e comandante da «Sagres»; de pé, director do «Correio dos Açores», presidente da Junta Geral, consul americano, presidente da câmara e director de «O Açoreano Oriental».

(Clíchê's Velho Cabral).

ECOS DA VIDA COLONIAL



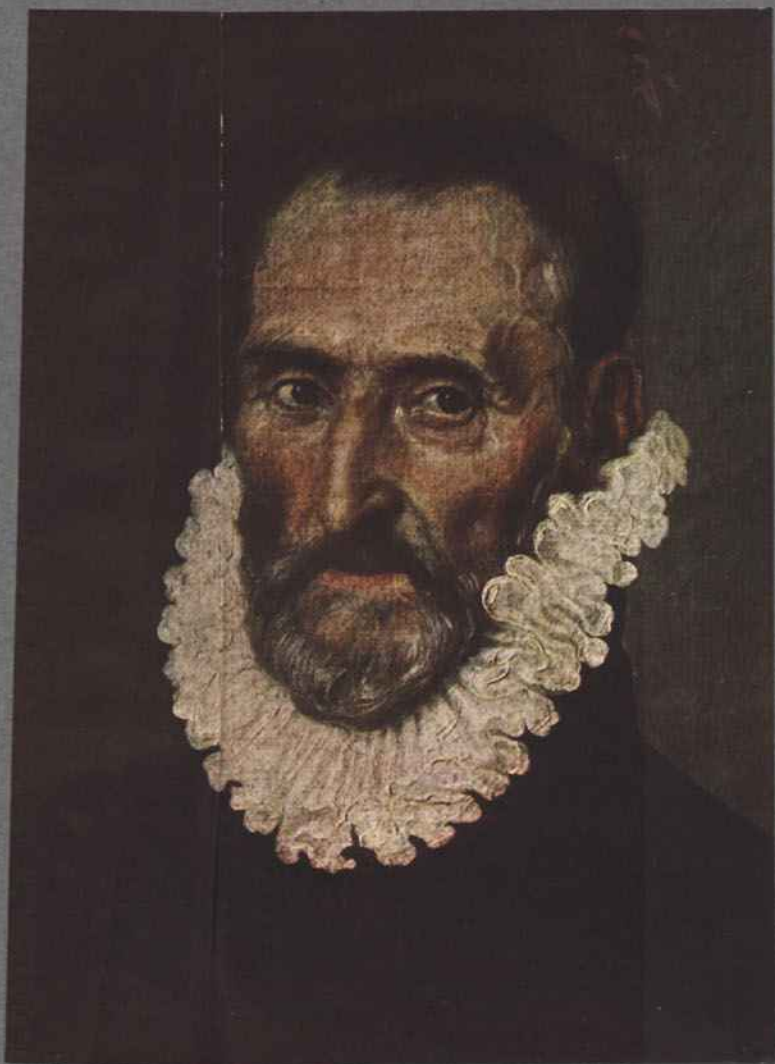
*Ilustração publicada sempre nas suas páginas
toda as fotografias que lhe sejam enviadas das
colônias e possessões portuguesas, desde que ofe-
reçam verdadeiro interesse nacional.*



DA ESQUERDA PARA A DIREITA E DE CIMA PARA BAIXO: Em Angola — Visita do alto-comissário às propriedades de café da Companhia Agrícola de Angola. Na passagem no Ambolim, O sr. Filomeno da Câmara, excelsíssima esposa, sr. Luis e Alberto da Câmara, madame Moraes Sarmento e tenentes Moraes Sarmento e Noronha Campos e mademoiselle Lúcia de Oliveira, filha do secretário da Companhia Agrícola. — Outro grupo tirado na Quibala após um almoço oferecido; os mesmos e mais madame Albino de Oliveira, mademoiselle Iracema de Oliveira e filha do governador do distrito do Cuanza Sul. — Os representantes da Companhia Agrícola de Angola na recepção ao sr. Alto Comissário. Em Timor — Visita do cruzador alemão «Emden». O cruzador ao largo do porto de Dilli. — O comandante do «Emden» ao dirigir-se para o palácio do governo a apresentar os cumprimentos oficiais. — Antes do início das corridas de cavalos no Hipódromo de Timor, realizadas em honra da oficialidade alemã. — A direcção do «Club dos Vinte» ilustre e prestimosa agremiação de Timor que organiza, em honra da oficialidade e guarnição do «Emden» várias festas de recreio, entre as quais um garden-party no Jardim Vasco da Gama e as corridas no Hipódromo



MUSEU DO
PRADO
MADRID



DOMENIKOS THEOTOKOPOULI
(EL GRECO)
RETRATO DE HOMEM

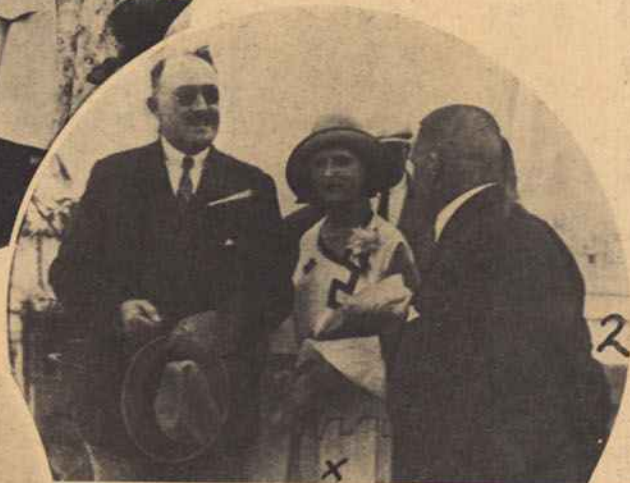
“MISS MARROCOS”

É PORTUGUESA!!!

O jornal *Vigie Marocaine*, de Rabat, fez eleger *Miss Marrocos*, rainha da beleza do norte da África, terra das enigmáticas belézas de olhos de fogo. Pois *Miss Marrocos* é... portuguesa, uma portuguesinha morena e gentil, Herminia Ribeiro, de Vila Rial de Santo António e residente em Fedala (Marrocos). As nossas fotos, gentilmente enviadas pelo nosso compatriota sr. António Barbosa, presidente da comissão de festas da colónia portuguesa em honra da sua compatriota eleita *Miss Marrocos*, representam :

1 - A eleita (x) com as suas damas de honor, na festa em sua honra do Club Lusitano

2 - Na casa «Citroën», de Rabat, Mr. Tjorel, Miss Marrocos (x) e o sr. A. Barbosa, na festa realizada naquela casa francesa em honra da nossa compatriota



3 - A nossa formosa compatriota Herminia Ribeiro, eleita *Miss Marrocos*

4 - Banquete de agradecimento dado por *Miss Marrocos* (x) às suas lindas competidoras e à colónia portuguesa

5 - *Miss Marrocos* (x) no meio da colónia portuguesa de Rabat que a homenageou

O comité das festas era composto pelos senhores A. Barbosa, João Vieira, Honorato Mendonça, Augusto Costa, José dos Reis, José Alves, José Gaspar e João de Deus, comerciantes, proprietários e industriais portugueses, residentes em Rabat



FIGURAS DO MOMENTO



MR. PHILLIP SNOWDEN

O desconcertante diplomata inglês cuja oposição enérgica, tenaz, irrefutável às bases do plano Young, será causa do fracasso da conferência de Haia para as reparações.



M.ª MARIA MARGARIDA DE MORAIS TEIXEIRA

Gentilíssima senhora da nossa sociedade, discípula da eminente professora de canto M.ª Leite Dinis, e que acaba de aceder às propostas duma casa estrangeira para, com a sua linda voz, difundir, em discos, as mais belas canções portuguesas, realçadas pela sua arte muito pessoal.



MR. CHÉRON

O financeiro francês considerado pelos seus próprios compatriotas como um ente bastante pitoresco e cujos pontos de vista sobre o plano Young foram considerados em Haia, publicamente, por Snowden, como risíveis e ridículos.



CONSELHEIRO DR. PHILIPP ROSENTHAL

CONSELHEIRO Dr. Ing. h. e. Philipp Rosenthal (Baviera), fundador e director geral das célebres fábricas de porcelana de Rosenthal (Alemanha), que festejou em fins de Agosto o seu jubileu de 50 anos de actividade, sendo ao mesmo tempo um dos dirigentes da Feira de Leipzig, cujo representante honorário para Portugal é o sr. A. Schmidt, Lisboa, Praça dos Restauradores.



DR. ANTÓNIO MARTINS

FORMIDÁVEL atirador português que, nos últimos campeonatos do mundo à pistola, totalizou o número de pontos suficiente para inquietar de perto o campeão.

O "PAYS BASQUE,,



Campeão vasco

De Biarritz a Saint Pierre d'Irube, vales banhados pela Niva, a Nivelles, a Bidouze, o Adur e montes interpostos, estende-se a terra vasca francesa. Verde, dum verde inquebrantável, cortado de longe em longe por uma geira de resteva, é o *habitat* duma raça, cujas origens são mais discutidas que a descoberta da América, e cujo idioma, não menos misterioso, dizem uns ser a língua mãe da Ibéria e outros ainda, não menos sizudos, a vera língua de que se serviu o Padre Eterno nas suas relações com os terrenos. *Euzara* lhe chamam, e impenetrável ao filólogo, embora educado em línguas cultas, sente-se nela a doçura do italiano e a sonora ênfase do espanhol. Talvez muitos termos portugueses, cujo étimos se ignora, se devam filiar neste

idioma singular, que tem resistido vitoriosamente à investida de duas línguas poderosas e absorventes como o castelhano e o francês. *Khadera, zoratu, sega, serrat, pena* (rochedo) *barrancouaou*, etc., têm na sua identidade ou leve variante gráfica a mesma significação que entre nós. Talvez que os etnólogos não perdessem o tempo estudando no lexicon vasco a origem de muitos nomes geográficos portugueses, até esta data desconhecida.

Parece averiguado que o povo vasco é o último representante das populações primitivas da Europa Ocidental. Foi ele o único que conseguiu furtar-se à influência do mundo latino, conservando os seus foros, os seus usos e costumes, a sua independência e a sua linguagem própria. A montanha preservou-os do godo, do árabe, do senhor feudal, e de toda a sorte de dominadores. Antes do princípio democrático governar os povos, tinham eles instituído a comunidade. Todos eram iguais; o mesmo direito, idênticos privilégios regiam pobres e ricos. Ainda hoje não é vã a pergunta neste cantão: como e por onde se distingue o plebeu do fidalgo? Ligados pelo mesmo amor à independência, o nobre, com solar de roca, e o cavador, com a sua casota de empenas de madeira e vertentes desiguais, sabiam igualmente manejar

o arco e a *laja*. Através dos séculos comportaram-se nas portelas dos seus montes como



A mulher da herreta



Casais vasconos

guerreiros acoçados no castejeio. Porventura os Pirinéus tenham sido a detraçeira fortaleza da grande raça. Ainda hoje guardam os seus cunhos de nobreza: imponência, lealdade, valentia, e até uma religião severa e exaustiva.

Na *clausa*, na poesia, nos jogos, são eles, caracteristicamente eles. Em Mauléon baila-se com não se faz no resto do mundo; nas suas pastorais andam associados os deuses do Olimpo e os santos do calendário; de *chistera* em punho, remetendo a péla, na corrida, no jôgo da barra, lembram os gregos pelo culto que votam aos exercícios de força e de agilidade.

As mulheres não são feias, se bem que alheias à garridice; a sua côr predilecta é o preto. São, em geral, trigueiras e medianas de estatura. De fisionomia extremamente móvel, seu perfil é em regra vertical, nariz romano, testa direita, mandíbula curta e robusta.



Maledic'ção...

A capital da terra vasca é Baiona, *nunquam polluta*, reza o brasão, no que condiz com a filiação dos habitantes. Cortam-na em retalhos o Adur e a Niva. A bôca da estação crescem o bairro do Saint-Espirit, com seus judeus portugueses e espanhóis, tendo-lhe dado o nome um templosinho de telhas vestustas e pedras a esmiolar de vèlhice, bem como à ponte, a várias tendas e *estaminets* e ao hotel que, para serviço dos curas e paroquianos dos subúrbios, assoldou um batalhão de raparigas novas, indumentadas de branco, ao mesmo tempo espanholas no *domaire* e francesas na graça. No tope do largo tem este mesmo hotel uma sucursal e vêm-se nas suas vestes de linho ir e vir ligeiras e bulhosas, como sacerdotisas exercendo, por turnos, um amável e secreto culto. E seja magia da palavra, seja obséquio das coisas ao augusto nome, há ali um cheiro de catolicidade, mais que o relento trazido pelas sotainas, mais que o halozinho de sedução que irradiam as mocinhas, tôdas, por certo, filhas de Maria. E é como se o bairro, coalhado de hotéis e casas de pernóitar, sob a égide do Paracelso, realize a fusão da sacerstia e da alcôva, o limbo sacro-profano do país Vasco, igualmente ardente de sangue e de religiosidade.

Rolando grandes massas de água, vem o Adur em recta desde a ponte do Caminho de Ferro, enjas aspas formidáveis e o duplo galão dos arcos aéreos contratallham os fundos opalinos dos montes de Muguerre. De curso orientado ao sabor da luz, as suas águas reflectem como um espelho a rosa do sol, as nuvens fugazes, o próprio vôo das garças. Obliquando, reluz a Niva, por entre quartelões de casas, no *Quai des Basques*, onde os

prédios, apertados uns contra os outros, lembram in-fólios numa estante, no *Quai de l'Entrepôt*, com gelósias e reixas versicolores a cantar ao sol como nos Canaletos, na ponte de Mayou, a que o hotel de Bréthons, varandins de ferro forjado, cuchorros e torsas de portais em fina lavra, dá o encanto, um pouco melancólico, dos estilos reais desaparecidos. E Adur e Niva, estreitando os muros abalastrados do jardim do Reduto, em ponta como a quilha duma nave, confundem-se, mal soluçando, mal balouçando as embarcações no seu oiro líquido de que se exala uma fumarola muito tênue de fúmar. Fragatas sobem e descem o rio, a vela panda

pelo vento do mar, à pôpa os tripulantes lanceses, de cara e mãos cortadas à enxó em cerne negro. Gaivotas adormecem ao lume de água e parecem ninféias flutuando. E na grita, na faina, num ou noutro gesto de navegante, renascem as sonoridades do tempo da pirataria.

Da banda de lá do arrabalde do Saint-Espirit, a casaria empilha-se com ruas perpendiculares que parecem acompanhar o movimento dos transeuntes a descer para a ribeira. Cunhais escuros de pedra, empenas envincilhadas nas empenas, persianas de mil tons, cumieiras de variado ângulo, e, ao alto, as flechas da Catedral, enfrentando a cidadela de Vauban, corôa massiça de bronze. Ao fundo do *Chateaux Vieux*, timbrado pelos leopardos britânicos e pelos lis de França, a todo o correr do Adur, o verde do arvoredo e o gris-pérola das águas compõem à cidadésinha como que um caprichoso e variado roda-pé.

Pelas noites estivais, nos cafés da Praça gemem harpas e violinos; o burgo não escapa a esta fisionomia de hiper-sensibilidade que a luz eléctrica dá à conglomeração humana depois de fechados os armazéns; as alamedas marginaes figuram espumosos bulhões de sombra; as luzes dos navios, das pontes, dos cais reflectem-se na água trémula, e tem-se a impressão de que a cidade, todo o trecto claro-escuro da cidade, assenta sôbre frágeis e verguias estacas de oiro.

AQUILINO RIBEIRO.



A volta da feira

ROMA E OS PORTU- GUESES

Pela muita piedade dos soberanos portu-
gueses eram outrora os lusitanos unni amados
em Roma onde a nobreza peninsular gran-

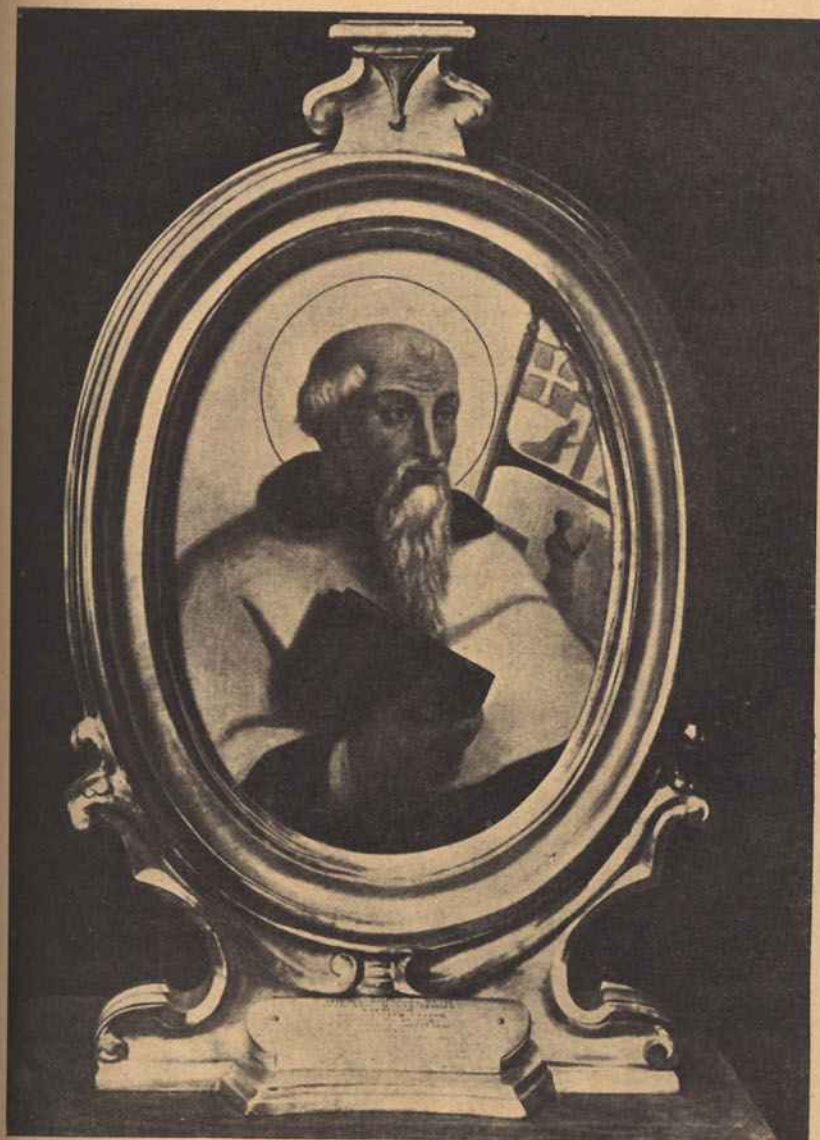
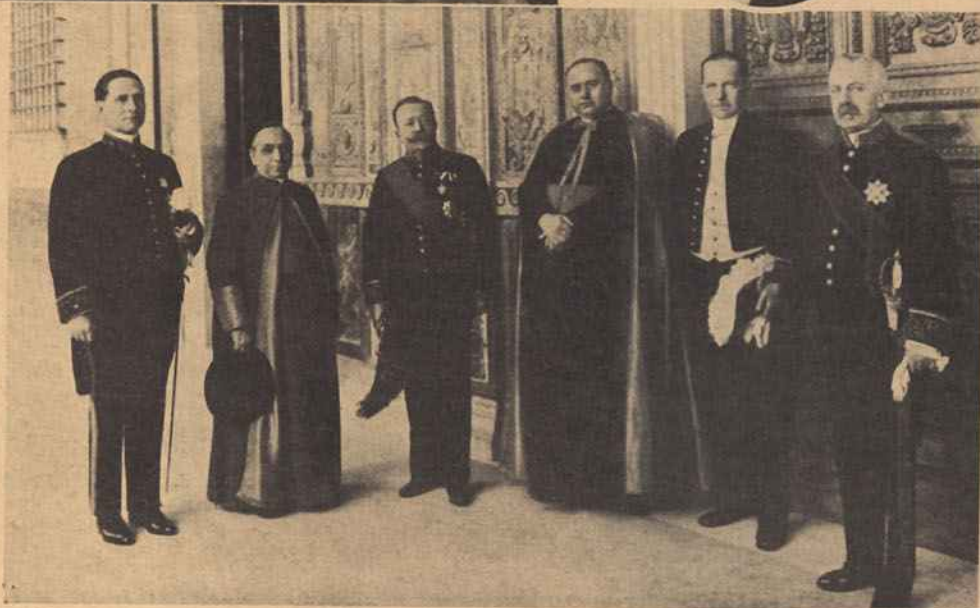


Imagem do beato Nuno de Santa
Maria num dos principais alta-
res da Igreja de Santo António
dos Portuguezes, em Roma,
antigo altar em que, fora de Por-
tugal, se venera o Santo Con-
destável.

NO OVAL DA DIREITA: — O
c. Marquez de Faria, ilustre
compatriota, figura da maior
residência na sociedade romana,
em a insignia da «Ala do Santo
Condestável» da qual foi no-
meado presidente em Outubro
de 1928.

A DIREITA: — Camareiros se-
cristos de Casa e Espada, de
Sua Santidade fazendo serviço
no Vaticano. Da esquerda para
a direita: Comde Gino Ghezzi,
Monsenhor José Migone, Mar-
quez de Faria, Monsenhor Ca-
millo Ceccia Dominioni, maestro
di camera, Cunhe de Trentberg
e o sr. Gérard Goumare.





Dr. Patricio de S. Gonçalo, português, nascido em 1574. Foi heróico militar nas guerras contra Espanha. Vinde a Roma, tomou ordens menores, retirando-se p. a o convento de S. Benaventura, perto do Monte Palatino, onde morreu, com 64 anos, a 5 de Fevereiro de 1739, e onde se pode admirar este bello quadro.

geava grande destaque entre a fina flôr da aristocracia de todo o mundo que ali acudia em transe de fé. Por isso, os vestígios dos nossos antepassados se contam por muitas centenas, em obras de arte e de fé, espalhadas pela Itália.

Decorreram os tempos mas não afrouxou a

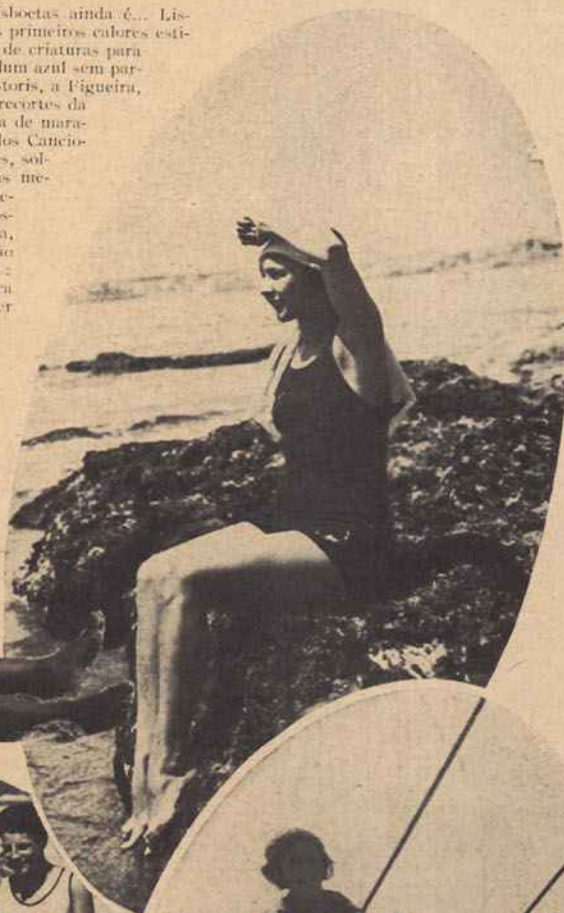
fé de muitos portugueses e a sua situação portanto se conservou em destaque no Vaticano. Hoje arquivamos alguns documentos, honrosos na sua eloquência, para o prestígio de Portugal honrado pelos seus filhos dilectos e neles homenageamos pelas altas esferas romanas.

Devemos a cedência destes interessantes documentos à muita gentileza do nosso ilustre amigo o senhor Marquez de Faria, ôle próprio uma das figuras de mais destaque na cidade dos papas pela sua nobilíssima figura e envergadura mental e moral.



Praias... sol... Banhistas...

Não falta quem assevere que o melhor lugar de veraneio para os lisboetas ainda é... Lisboa!... Entretanto, e a-pesar de tão péssima opinião, o certo é que os primeiros calores estivais, bem como as imperiosas exigências da Moda, atiram com milhares de criaturas para as soalheiras costas de Portugal aonde as areias são de ouro e o Oceano dum azul sem parceiro por todo esse mundo de Cristo... Está tudo a botar por fóra: os Estoril, a Figueira, a Praia da Rocheda, a Praia das Maças, a Póvoa de Varzim, os mil e um recortes da extensa costa lusitana acham-se neste momento povoados por uma fauna de maravilha que se diria arrancada aos poemas da Idade de Ouro, às páginas dos Cancioneiros; há por ali nereidas, ninfas, tritões, golfinhos, de todas as idades, solteiras, casadas, viúvas... e na disponibilidade casamenteira sem falar nas medusas e alforrecas que, para o caso sujeito, deverão ser as sogras!... Vejam os leitores as fotos que nestas páginas inseriu a bisbilhotice dos nossos reporteres: a criaturinha que sobre a rita penhucosa se assenta, acaso não evocará em nosso espírito a lendária Loreley, enlévo e perdição de navegantes e pescadores? Olhem o grupo de três custodiado por dois: o que nós diríamos se houvessem trato com as Musas!... E é nesta época que Adão e a sua costela mais contacto tomam com a terra (a não ser





(Fotos Salazar Denis
e Torres de Carvalho)



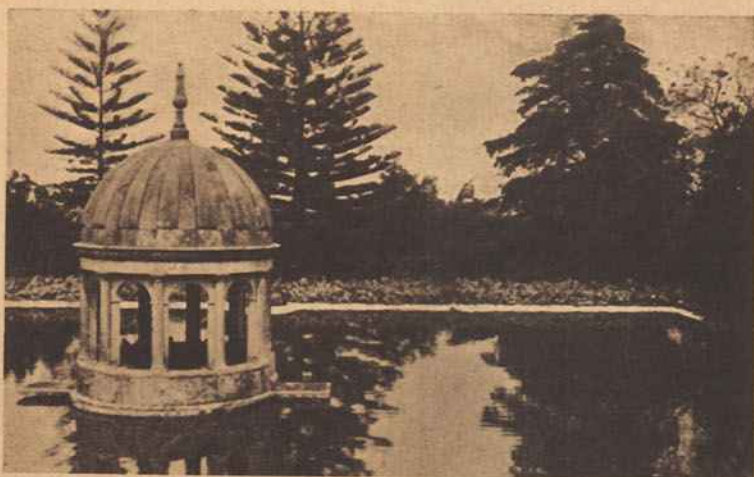
que preferam empoleirar-se no baloiço como no-lo mostram as banhistas que na fotografia vão por ares e ventos! pois que a moda agora manda deitar os banhistas ao sol depois do banho para secar a roupa no corpo, ou ordena-lhes que se enterrem na areia — como o lagarto da cantiga... Há também quem saia o valor dos exercícios físicos e os pratique sobre o foto edredão das areias... Como os leitores poderão ver, há de tudo nestas páginas dedicadas às praias, ao sol e aos banhistas de Portugal: por exemplo o Vasco da Gama pequenito que na foto parece pouco disposto a obedecer às ordens suaves que lhe dá o poder supremo, neste caso representado por seu pai o ilustre governador civil de Lisboa, sr. major Luís de Moura... R, aqui para nós que ninguém nos ouve, parece-nos que só a gente miuda lucra alguma coisa com a estada nas praias... Os pequenitos sim, esses veem de lá rijos e ferros, lavados os pulmões, enrijecida a fibra pelo contacto com areias, sol e águas do Oceano... Mas os outros, os de barba na vara ou vestido de baile, esses voltam derreçados: a cura de banhos leva-os em geral no regresso às clínicas de especialidade...



A CASA PORTUGUESA

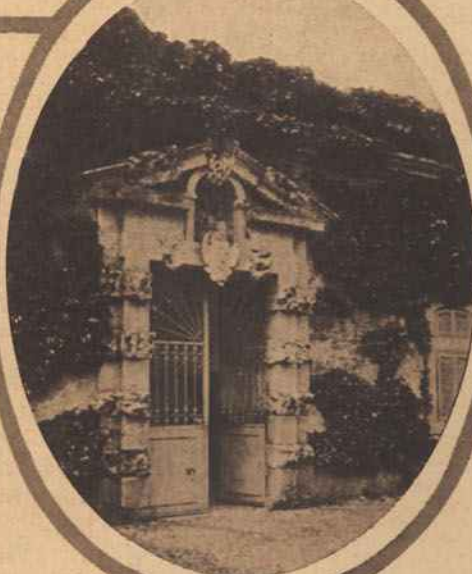
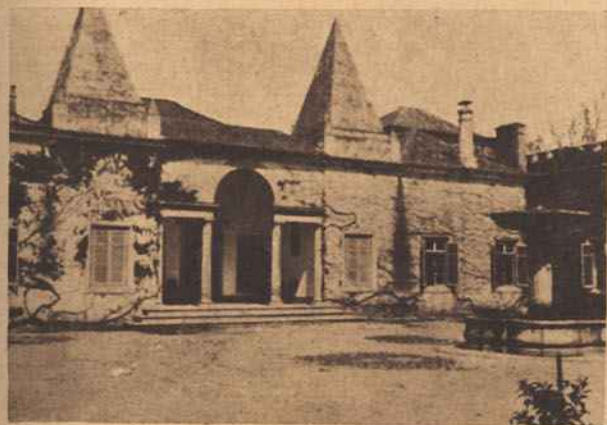
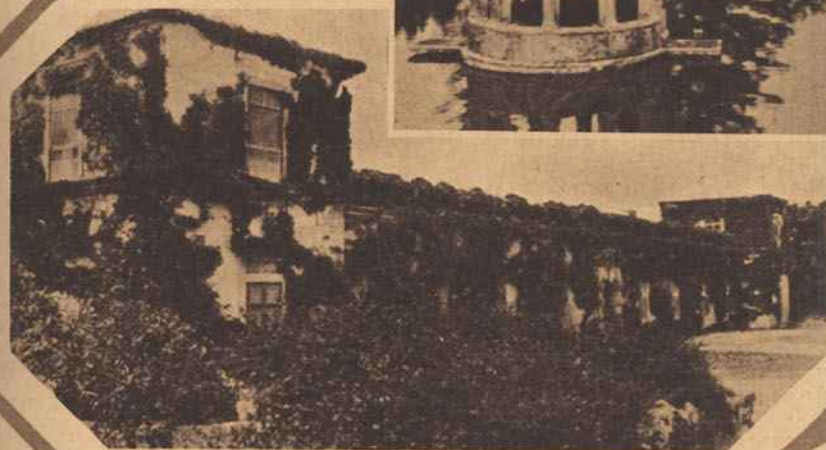
QUINTA DAS TORRES—AZEITÃO

Quasi defronte de Lisboa, a uns 17 quilómetros da margem sul do Tejo, fica a abençoada região aonde parece não ter chegado ainda — não obstante a pequena distância da capital — a negregada mania da destruição das árvores. Villa Nogueira, Villa Fresca foram desde séculos retiro aprazível de algumas felizes ou mais abastadas e ilustres famílias (incluindo a Côrte) que aqui se refugiavam durante a estação calmosa. A chamada Quinta das Torres pertenceu, nos três séculos da sua existência, à Casa de Murça até que há cerca de 30 anos passou a ser propriedade do célebre professor, médico e polemista



ilustre, Manuel Bento de Sousa, estando agora na posse de seu filho, sr. dr. António Maria de Sousa.

O palácio que é constituído por um grande quadrilátero encerrando pátio central, contém ainda da sua primitiva esplêndi-



dos azulejos pallerómicos de origem estrangeira, enquanto que a seleção mais notável da quinta é o enorme tanque rectangular adjacente ao palácio e todo rodeado por exuberante vegetação.



Casa de Sá, em Ponte do Lima

CASA DE NOSSA S.ª DA AURORA

Diz-nos um informador, digno de aprego e de grande autoridade, que era esta a antiga casa do Arrabalde. Ora, como já nos referimos a outra com a mesma designação, ainda hoje mantida, é nosso dever registar o informe, para evitar que algum crítico de má morte, sevandija ou cretino, e, em todo o caso, vingativo e malicioso, se dê ao trabalho de escrever postais a descomprir os autores desta secção.

Abundam em Portugal as vitoras e lacraus, e ninguém está livre de encontrar no caminho um desses animalzinhos peçonhentos...

Ora a casa de Nossa Senhora da Aurora é uma das mais imponentes e majestosas da Vila de Ponte do Lima e fica situada no lugar de S. João de Fora. Foi antigo solar dos Abrens Rebello e Sãs Sotomaiors, vinculada e acrescida da capela de N. S.ª da Aurora no século XVII.

Faleceu nesta casa o Arcebispo de Braga, D. José de Bragança, irmão de el-rei D. João V, nos princípios do séc. XVIII. O vínculo tem a data de 1741. Representa os seguintes vínculos: de Arcos e Sendufe (de 1678); de Anquião e Ponte Nova (de 1593); de D. Isabel de Amorim (de 1581); de Duarte Quinteiro (de 1514); da casa da Boavista; de Gerar do Lima (1599); da Peitosa; de Luís Meireles (1788), etc.



Casa da Torre de Gerar em Ponte do Lima

Mereceu especial menção nesta casa a larga fachada com 13 sacadas, a capela com revestimento de formosos azulejos do séc.



Lápides murais e brasões de armas na Casa de Cruzado

culo XVIII, os amplos salões da frente, em que se admira uma notável e preciosa mobília da Índia, muito antiga e típica na Europa. São também dignos de ver-se os bem tratados jardins e a grande e frondosa mata

de seculares carvalheiras, que envolve a casa e a vila.

O paço da Aurora esteve sempre na posse da mesma família, que o fundou e se tem perpetuado numa descendência muito ilustre.

Tem a varonía de sangue real pelos Rebello, e importantes alianças com as melhores famílias do país: Mesquitelas, Bertianhos, Assencas, Lavradios.

É hoje senhor desta casa e representante da família o sr. José de Sá Continho, 3.º Conde de Anrora, casado com uma filha dos srs. Condes de Fornos de Algodres, de quem tem seis filhos. Escritor distinto, notável nobiliarrista, é filho dos 2.ºs Condes de Anrora, o conselheiro José de Sá Continho, antigo desembargador da Relação do Porto, e D. Maria Angelina Pereira da Silva.

CASA DE SÁ

Embora de construção moderna, é um vasto edificio de belo aspecto, situado na freguesia de Sá, em local muito aprazível, dominando-se das suas largas sacadas o formosíssimo e deslumbrante Vale do Lima, numa extensão enorme.

GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE NOBREZA PADRÕES DE TRABALHO NAS MARGENS DO RIO LIMA



Aspecto do solar de Calheiros (Ponte do Lima)

Pertence esta casa, que é um riquíssimo e notável museu de obras de arte, à família Aranjos e Azevedos, de que foi um dos mais ilustres representantes o grande estadista António de Aranjó e Azevedo, Conde da Barca.

Foi escritor distinto, muito conhecido por um trabalho que publicou em defesa de Camões contra Mr. de La Harpe, nasceu na Quinta de Sá em 1754 e era filho de António Pereira Pinto de Aranjó e Azevedo, senhor do morgado de Sá e da casa da Lage e de D. Francisca de Aranjó e Azevedo.

Foi conselheiro e ministro de D. João VI e uma das mais notáveis figuras políticas do seu tempo, e exerceu importantes cargos diplomáticos.

A casa de Sá, uma das que em Ponte do Lima possui mais opulento recheio, está hoje na posse do sr. dr. José Mimoso de Barros Alpoim, aparentado com a ilustre família dos Alpoims de Viana, cavalheiro de trato fidalgo e acolhedor, muito estimado em toda a Ribeira-Lima.

SOLAR DA PORTELA

É uma velha e espaçosa casa portuguesa, situada na freguesia de Vila de Punhe, já pertencente ao concelho de Viana, e por onde

antigamente se fazia o trajecto a cavallo para o Porto, em machos de almocreves. Era isto ainda muitos deliciosos tempos em que não havia combúlos a engeçear a paisagem com a fumacreira das locomotivas, nem as estradas de macadame asfixiavam a gente com as nuvens da sua poeira.

É foi por esses tempos talvez que viveu o mais conhecida proprietária desta casa, D. Jerónima de Alpoim, que dizem ser a heroína dum romance de Camilo, «A Mulher Fatal».

Riamoráta-se a D. Jerónima dum frade professo com votos, em quem o hábito não apagou as excitações carnaes, pretendendo, por isso, casar-se com ela. Mas Roma, longe de consentir, mandou organizar contra elle um processo e fazer uma rigorosa devassa nos seus actos.

Finala talvez a sedução da sua beleza e muito confidada no valor do seu dinheiro, D. Jerónima foi a Roma com o frade. Bateu a todas as portas, debrou todas as influencias que podiam actuar no Vaticano. Prometen,



Brasão de armas da Torre de Gerar

O resultado foi um casamento clandestino, dizendo-se que mais tarde, ao tornarse conhecido, se organizou um processo para legalizar o acto.

Dos seus amores com o frade teve D. Jerónima uma filha, que não chegou a legitimar, tratando-a como sobrinha, mas a quem legou todos os seus bens, casando-a com o feitor da casa.

Anos após o seu casamento clandestino, o frade appareceu morto junto dum muro que anudara a fazer. Disseram os médicos que fôra vítima duma síncope cardíaca, mas o povo attribuiu o caso a castigo, por ter casado indevidamente. Outros disseram tratar-se duma vingança da Companhia de Jesus, pois que o egresso, para se casar, se filiou na Maçonaria.

PAÇO DE CALHEIROS

Pertence à categoria dos grandes solares portugueses, sendo considerado um dos mais belos do Minho.

Fica situado na freguesia do mesmo nome, no alto duma formosa colina donde se disfruta um panorama encantador.

Pertence a uma antiga e nobilíssima família, de que foi último representante, há pouco



Casa de Nossa Senhora da Aurora



Casa de Crasto em Ponte do Lima

falecido, o sr. Francisco Lopes de Calheiros e Menezes, Conde de Calheiros.

É uma bela construção do século XVII, impondo-se pelas suas majestosas linhas arquitectónicas.

É tradição que houve perto d'este solar, em prazo que a família Calheiros disfruta, um antigo mosteiro em que estiveram primitivamente recolhidas as freiras de Vitorino das Donas, a que vamos referir-nos.

Ainda hoje no *Campo da situação*, pelas freiras emprazado em 1510 a Diogo Lopes, existe um pardieiro com aspecto de capela, tendo no interior um altar de pedra, parecendo ter sido ali a igreja das religiosas.

CASA DO CRASTO

Fica na freguesia de S. João da Ribeira, perto de Ponte do Lima e pertenceu aos Melos Pereiras, que pretendiam entroncar na família do Condestável.



Convento de Vitorino das Donas

É curiosa uma lápide mural, ainda bem conservada, em que Francisco de Melo, no ano de 1701, fixava a obrigação, para os seus

DONAS DE VITORINO

Parece que o nome da freguesia de Vitorino das Donas, que primitivamente se denominava Santa Maria do Barco, lhe veio precisamente do nome do mosteiro que ali tiveram as freiras, ilhas dos mosteiros de Bullente (Ancora) e de Santa Enfémia de Calheiros.

O convento, que primeiro foi de frades, tivera o nome de Vitorino e de Vulturino, sendo as moradoras do cenóbio verdadeiras donas, pois pertenciam às principais famílias do Minho.

Dum curioso artigo do ilustre arqueólogo bracarense, sr. Alberto Feio, vamos aproveitar, em resumo, alguns dados que marcam uma fase agitadíssima, verdadeiramente revolucionária, das Freiras d'este convento.

Quando governava a diocese de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, teve o célebre prelado ocasião de verificar, numa das suas visitas, que a moralidade das freiras não era nada exemplar, chegando mesmo a clausura a ser devassada por ocasião da infeliz tentativa do Prior do Crato, que por estas paragens andou refugiado.

Os arcebispos sucessores daquele prelado, informados do que se passava, amindaram as



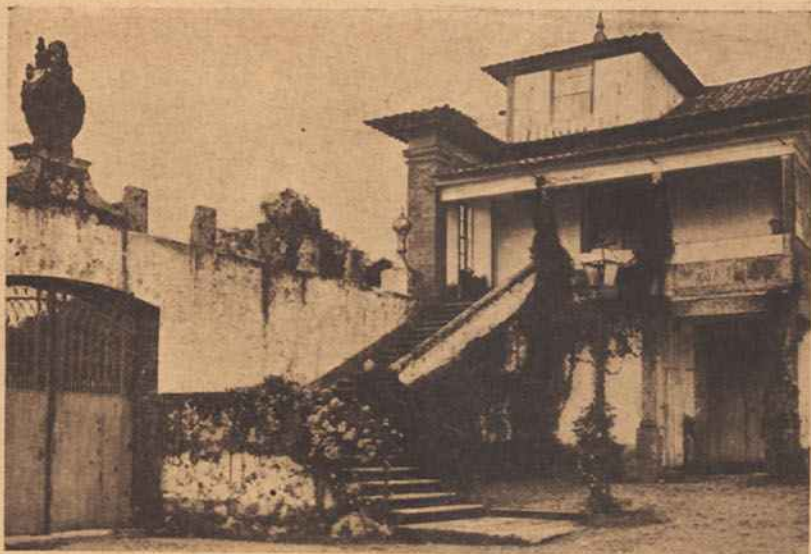
Varanda e entrada do Solar de Calheiros

suas visitas ao convento, procurando coartar o mais possível as liberdades das freiras.

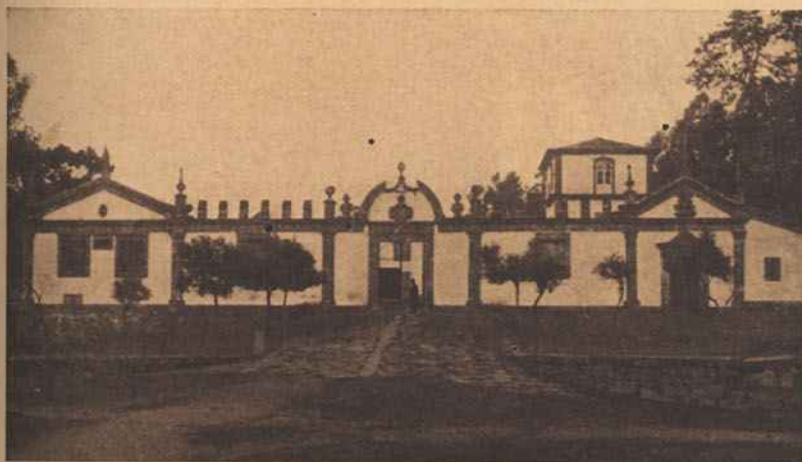
Em 1584, por alturas do S. João, sendo arcebispo de Braga D. João Afonso de Meneses, os escândalos avolumaram-se e transpiraram fora do convento por bocas indiscretas.

A eleição para a alta dignidade do abadesado havia dividido as freiras em três partidos que se degladiavam tenazmente, sendo candidatas Ana da Conceição, D. Isabel da Silva e D. Filipa de Sousa. Só a primeira, Ana da Conceição, possuía virtudes para o desempenho do cargo. D. Isabel da Silva e mais três irmãs do mosteiro, eram fidalgas, moças e irrequietas, impressionando-as muito mais o amor humano que o amor divino. As drogas com que enfeitavam o rosto e os adornos que usavam deviam ter já notável parecença com os abusos e exageros das mulheres do nosso tempo.

Segundo o sr. Alberto Feio, D. Filipa de Sousa era virtuosa, mas vivia quasi sempre fora do convento, pelas casas fidalgas do seu parentesco, e estava contra-indicada para o lugar de abadesa.



Pátio e varanda da Torre de Geraz



Solar da Portela, em Vila de Panhe

De maneira que, ou o arcebispo tinha que nomear abadesa estranha ao convento, ou que fazer a transferência das freiras, às quais as belezas naturais da região induziam à quebra da regra monástica e até do voto de castidade.

O mosteiro transformara-se em estalagem de todos os moços-fidalgos das redondezas. A mudança impunha-se, pois, sendo mesmo esse o desejo das freiras mais virtuosas, talvez por serem mais velhas, e foi decretada pelo arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus, no século D. Pedro de Castro. Mas a resistência foi tão grande, que o prelado houve por bem desistir do intento.

Em 1587, registavam-se novas e mais graves faltas, o que levou o prelado a activar a construção do Salvador de Braga, para onde deviam ser transferidas.

Omitimos, por fastidiosas, as escandalosas scenas que se deram por ocasião duma visita pastoral ao mosteiro, demonstrativas de que a harmonia das freiras deixava muito a desejar.

Uma delas, de nome Joana de Lima, filha de Diogo Gomes de Abreu, senhor do Paço de Anquião, fez tais distúrbios e desacatos diante

do bispo coadjutor, D. Jorge Queimado, que dela diz uma crónica antiga:

«Com esta bravura se deixou dizer muitas blasfemias e cousas desordenadas, puxando por sua própria roupa e, entre outras pala-

bras, disse que era luterana e hereje, e que a tornassem a bautizar, e que não teria fé em Deus se a não vingasse. Dedali queria romper o veio e o habito e ir-se polo mundo a dar-se a quem a quisesse, e assi outras muitas cousas desta toada.»

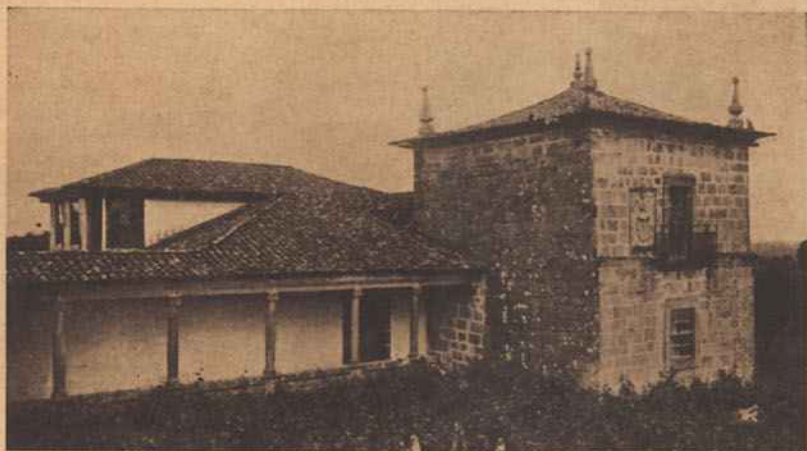
A orgulhosa e endiabrada freira arrependeu-se, depois, sendo mais tarde nomeada abadesa já no Salvador de Braga.

O certo é que a ordem da mudança não se cumpria e durou quinze anos a pendência entre o pastor e aquelas irrequietas ovelhas, que fruíam poderosas protecções. O arcebispo queixou-se a Filipe II, que mandou seguir do Porto justicas que foram postas à ordem de D. Agostinho de Jesus.

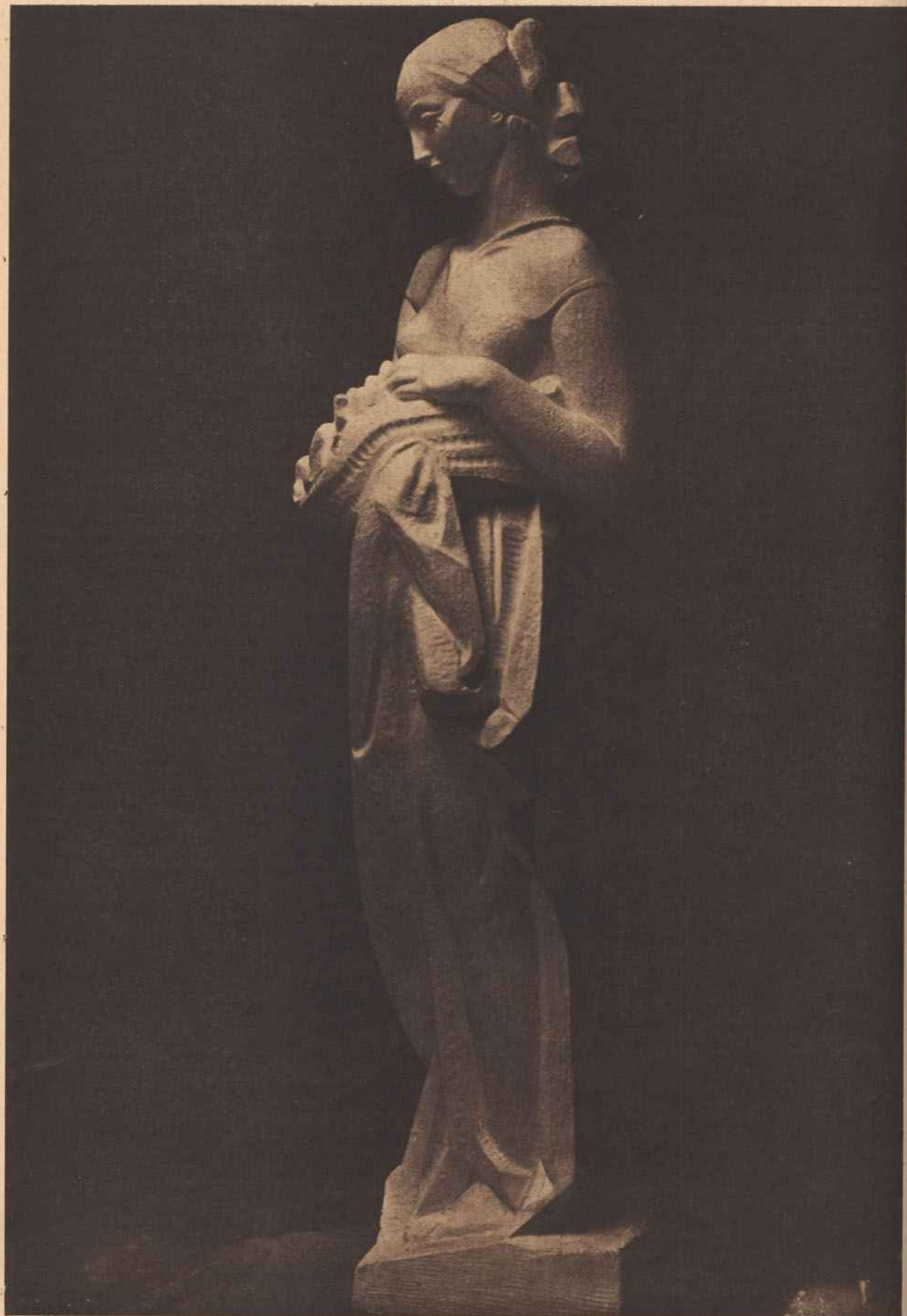
Fêz-se um cerco em forma ao convento e, como as freiras não abrissem as portas, foram estas arrombadas a machado. Destruidas successivamente as barricadas que iam formando, as religiosas refugiaram-se no côro da igreja, onde, ao fim de três dias, a fome as obrigava a render-se.

Assim acabou o mosteiro das Donas de Vitorino, cuja igreja passou depois a parochial, e cuja fundação dizem ser anterior à monarquia.

REINALDO FERREIRA
SOUSA MARTINS.



Outro aspecto do convento de Vitorino das Donas



A ABUNDANCIA — Figura decorativa por Juan Adsuara destinada a um hotel de Sevilla

A MODERNA ESCULTURA ESPANHOLA

JUAN ADSUARA



MATERNIDADE — Mármore

Em Castellón de la Plana, reino de Valência, nasce Juan Adsuara. O ritmo helénico do Mar Mediterrâneo infiltra-se-lhe nos poros e forma-lhe o espírito. E os mesmos valores estéticos que a curtimia daquelas águas leva à História da Humanidade, imprimindo as suas páginas de Arte mais luminosas e mais sublimes ganham forma plástica na obra deste grande escultor, que pertence, como ele, ao Reino de Valência.

A geografia artística de Espanha oferece-nos o mesmo interesse e a mesma diversidade de tons da sua geografia política. O conjunto de mosaicos que constitui a sua paisagem polícroma e variada corresponde a um panorama psíquico determinado em que cada uma das características dominantes e cada um dos traços limitrofes terminam justamente onde a terra muda de cor e forma. Esta afinidade entre a Terra e a configuração do espírito já não é inteiramente inédita como teoria estética; mas, dentro da Espanha, o fenómeno verifica-se com a maior claridade e

ESCU- TOR LEVAN- TINO



A MÃE — Grupo em madeira

evidência. Assim, aquilo que em Castela — paisagem torturada, sêca, esquemática, de horizontes infínitos — é domínio de espírito em profundidade e expressão artística, transforma-se, em Valência, numa outra sensibilidade, menos profunda talvez, mas mais suave, mais harmónica, mais pagã. Os deuses da Grécia Antiga ainda não abandonaram esta região. Cristo, o Cristo dos católicos, que gera os grandes místicos e lhes dá o prazer do suplício, impera ainda em terras castelhanas. E deste paganismo valenciano, desta arte que é toda ela um cântico de forma — espírito de ritmo consonante e são — e expressão adequada a uma sensibilidade clara, doce, comunicativa, que se espria ondulantemente pelas suas areias reverberantes, ao longo das suas prazenteiras terras verdas e dos seus formosíssimos laranjais, tem hoje a Espanha, a escultura espanhola, dois casos bem típicos e representa-



Juan Adsuara

tivos: Capús, de quem falaremos oportunamente, e Adsuara.

Juan Adsuara aparece na escultura espanhola precisamente no momento em que estava a dar o último estertor, na consideração colectiva, aquele tipo de escultura retórica e descritiva que sacrificava a verdade escultórica à verdade do objecto, em todos os seus aspectos mais pormenorizados e com todas as suas limitações espirituais.

Era a época em que a escultura invadia todos os campos: desde o pictórico ao lite-



FLORA — Figura decorativa destinada a um hotel de Sevilha



PRECIOSO FARDO — Grupo em madeira

rário, roçando mesmo pelo da oratória. Com pedra e mármore, pintava-se, descrevia-se, discursava-se até. Para o contemplador, não restava uma ponta de emoção, nem um vago vislumbre de beleza. Quando muito, um motivo de curiosidade pelo trabalho de paciência verdadeiramente chinesa com que se alardeava de dar reprodução exacta ao mais fugaz, ao mais episódico, ao menos importante. Perante isto, a escultura espanhola começa a reagir numa evolução benéfica. Banha-se nas suas fontes primitivas. Proclama enérgicamente os cânones eternos. E toma um novo sentido de imortalidade, abandonando as pieguices do instante. A esta nova escola de ressurreição e saneamento pertence Juan Adsuara.

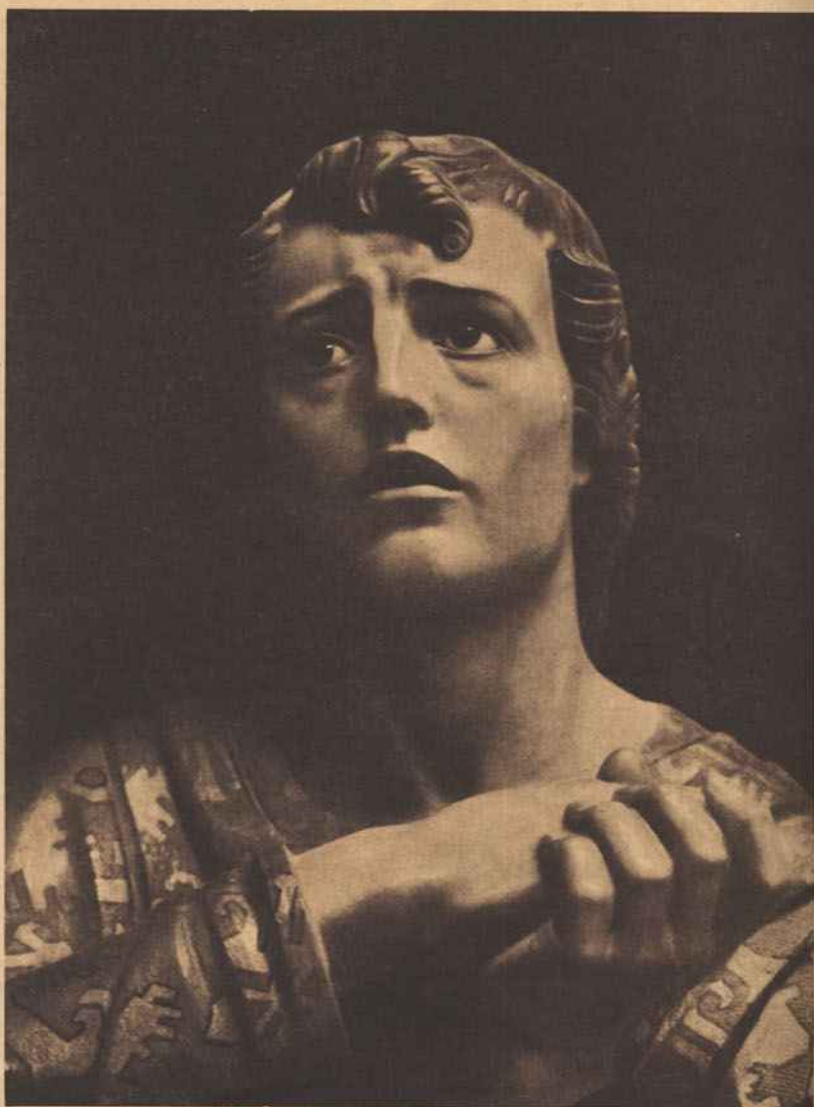
Quando atrás nos referimos à consideração colectiva, não devemos tornar extensivo o acto de contração que lhe atribuímos à consideração oficial. A arte, como os povos, também tem as suas partes oficiais, e estas, ao que parece, ainda não aceitaram as novas tendências. Prova evidente, são alguns exemplos que ainda se vêem por aí. E o mais recente, o mais claro talvez e ainda o mais sintomático — triste sintoma! — é o monumento a Cervantes actualmente em construção na Praça de Espanha da capital espanhola, que, pela sua concepção mesquinha e disparatada, representa uma afronta à personalidade artística do país, à sua tradição invulnerável, e à maior e mais universal figura do espírito e do pensamento hispânicos. Nós, que sempre tivemos o máximo respeito pelo trabalho alheio, quando êle, claro está, não acomete por seu lado contra o respeito por

aquilo que deve ser respeitado, estranhámos que neste momento em que a Espanha tem artistas de tanto mérito e tantos homens de superior entendimento, ainda não se fizesse lavar o menor protesto perante este enorme desacato à dignidade nacional. Quem chegar à estação do Norte e dirigir os seus passos para o Museu do Prado não pode esquivar o encontro com tal mamarracho. Isto é bastante, quanto a mim, a justificar qualquer medida preventiva...

Juan Adsuara encontra-se classificado no primeiro grupo dos modernos escultores espanhóis, no mesmo a que pertencem Victorio Macho, Cristóbal, Capús, Emiliano Barral, etc. Não tendo a menor afinidade com nenhum deles, nem nenhum deles entre si, a sua obra representa no admirável conjunto que estes artistas nos oferecem, um complemento de inexcusável aprêço. Modelador delicadíssimo, o valor anatómico dos seus modelos, perfeitamente determinado, acentua-se,

num alarde de sábia precisão científica, sob a elegante roupagem que os reveste. Nota-se no nosso artista viva inquietação por dilatar os horizontes da sua obra. A resolução por planos, que é uma das suas actuais preocupações, não exclui a observância rítmica das linhas fundamentais. A cabeça de S. João Evangelista, que recorda um pouco o estilo de Salzillo, supera, na minha particularíssima opinião, a estátua do mesmo Santo devida ao cinzel daquele grande mestre murciano. A interpretação da figura, belamente polferomada, perde sabor de época e toma alentos de eternidade. De grande valor decorativo e moderníssima concepção, são as duas figuras destinadas a um Hotel de Sevilha. As formas clássicas — elas provam-no exuberantemente — admitem a tatuagem do espírito de todas as épocas. E essas três deliciosas maternidades que reproduzimos, longe de chamarem a atenção pelo espectacular, provocam uma profunda e indelével emoção, emoção recolhida e intensa, pela sua simplicidade de processos e pela honestidade da sua realização excelente.

NOVAIS TEIXEIRA.



S. JOÃO EVANGELISTA (fragmento) — Em madeira polferomada, para a Procissão da Semana Santa em Ciudad Real

Entre mim, cidadão português para todos os efeitos, e Mister John Bull, subdito de Sua Magestade Britânica, existem apenas ligeiras diferenças. Ele é europeu e eu sou africano; ele lê o *Times* e eu o *Diário de Notícias*; ele adora as *misses* e as cigarrilhas louras e esguias, eu, o tabaco escuro e as riparigas morenas; ele deseja todo o mundo para a Inglaterra e eu desejo-o para a humanidade; ele usa bons tecidos de Manchester e eu, fazendas da Covilhã. Aparte estes senões, somos, ele e eu, sensivelmente parecidos. Ambos possuímos dois braços, duas pernas, um coração para sentir e um cérebro para pensar.

Estas afinidades e outras que não enumerei fazem-me simpatizar extraordinariamente com os ingleses. Tenho pena que eles, na sua grande maioria, não simpatizem comigo. Para eles só existe uma raça culta, inteligente, superior: a anglo-saxónica. As outras raças, mesmo louras, mesmo europeias, só lhes merecem desdém. Entre um inglês moreno, que os há, e um português louro, que também não é raro, a preferência britânica recai sobre o primeiro por esta razão que está acima de tôdas as razões: é inglês. Mas as raças africanas merecem-lhe o mais absoluto desprezo. As outras ainda são admitidas na sua fria e desdenhosa convivência; a africana e tôda aquela que possua a cor da epiderme mais escura, mais carregada, é tida como zoológi-

OS-INGLEZES-DE-CARCAVELOS.

Observados de relance por um barbaresco que, apesar de tudo, tem por eles uma grande simpatia

camente inferior, qualquer coisa de semelhante no cão ou ao cavalo.

Região do globo onde os ingleses predominam, não podem os pretos misturar-se com os brancos. Para o negro, mesmo que ele seja um médico ilustre, um poeta genial, um artista maravilhoso, reservam os nossos fiéis aliados o pior lugar nos hotéis, nos carros eléctricos, nos transatlânticos, nos cinemas. Os cargos públicos, por extraordinárias facilidades, mesmo superiores às dos brancos, que os africanos revelam, nunca por estes podem ser ocupados em terra regida pelas leis britânicas.

Ora, apesar de esta excentricidade agressiva dos ingleses em face da minha raça, nunca me coíbi, sempre que me apraz, — e isso acontece inúmeras vezes, — de dar o meu passeio por Carcaveiros que figura em alguns mapas geográficos editados em Inglaterra, com a cor com que se indicam os vários domínios britânicos espalhados pelo mundo. Ainda lá estive o sábado passado e, por muito que lhes peze, gostei de ver os rapazes ingleses do cabo submarino e as senhoras inglesas de suas famílias, êles muito vermelhos, elas, côradas, queimadas, quasi morenas do lado da praia.

O sábado é para êles o dia de recreio. Não trabalham, jogam o *tennis*, o futebol, o *basket*, o *cricket* e fazem automobilismo. Ao domingo descansam religiosamente, não movem uma palha, não só porque é pecado atentatório das mais altas aspirações espirituais — e muito inteligentemente — por pensarem que durante este dia devem repousar das fadigas do labor semanal e das estafas desportivas do sábado. A segunda-feira, o inglês não aparece, como o portuguezinho valente, derreado no emprego, porquanto aproveitou bem o seu dia de descanso. A sua disposição é magnífica, produz sem esforço, porque corpo e espirito perfeitamente tranquilos se encontram mais aptos para o labor. O portuguez, porém, nunca descansa. Trabalha tôda a semana, incluindo o sábado, e ao domingo fatiga-se mais ainda na pândega das hortas, nos excessos do futebol ou no salsifré dos bailes recreativos que duram até à madrugada de segunda-feira.

Fui encontrar os ingleses de Carcaveiros no seu dia de folgança. O céu muito azul, uma luminosidade envolvendo as cousas e as pessoas, criavam ambiente propício aos mais doces optimismos. E talvez por influência do bom tempo eu, que já tinha por aquela raça, que teima em não me dar categoria de gente — o que me rouba o apetite e me causa insónias) — uma enorme simpatia, senti que esta aumentara desmedidamente e, se não fôsse por vergonha, por temor do ridículo, teria, em nome da fraternidade e da paz universais que Mister Mac Donald vem pregando, abraçado com ênfase todos os subditos britânicos que topxi pelo caminho.

Tive ocasião de mais uma vez admirar quanto vale o sentimento de maternidade daquela raça. E, se esta não se ofendesse, compará-lo-in em beleza, em emotividade, em afeição profunda, ao da minha raça. E que não há mulher como a negra para tratar com ternura dos seus bebés — dos seus e dos alheios. A mãe preta reíne em si, em tão



ILUSTRAÇÃO

grande número, tantas qualidades altruístas, que ainda há bem pouco tempo o Brasil, onde ela acalentou no seu seio escuro e fecundo uma nação progressiva e próspera, resolven erguer-lhe uma estátua.

Pois a mãe inglesa assemelha-se muito à mãe preta, tendo sobre esta a vantagem dos conhecimentos científicos da Europa que ela transforma em disvelo e carinho com que envolve seus filhos. Nunca se viu, nem uma preta, nem uma lady, levarem a reboque pela rua, pendurada pelo bracinho terno, uma pobre criancinha. As pretas levam-na às costas, as inglesas transportam-nas num carri-



nhio de molas brandas, almofudado, cercado de brinquedos, provido de biberons com leite.

Não há em Caravelos uma mãe inglesa que não possua um carrinho d'esses, alguns mais fofos e luxuosos do que *landaus* reais, onde o bebé, por vezes já crescidote, sorri corado um sorriso de menino que ignora o que sejam cueiros brunidos no corpo. As mães portuguesas ultrapassam as inglesas em espalhafatosas manifestações de affecto, muitos beijos e abraços que tornam as crianças caprichosas e mal educadas. As inglesas beijam pouco seus filhos, mas dão-lhe metódicamente o alimento a horas e cuidam até à obsessão da hygiene de suas roupas.

Pela longa estrada, cheia de sombra, que conduz da povoação, através dos domínios do cabo submarino, à praia de Caravelos, cruzei com inúmeros carrinhos de bebés, uns conduzidos pelas mães, outros por *nurses*, raparigas portuguesas de cujo contacto com patrões britânicos resultou a alvura impecá-

vel de suas toncas e de seus aventais amplos, e o formoso espectáculo enterneceu-me. E também me cruzava, de quando em quando, com pequenos ranchos de rapazes e raparigas desempenadas, caminhando a passo largo, raiquete sob o braço, sapatos brancos de *sport*, camisas amplas abertas no peito, alguns fumando de caelumbo, cujo tabaco deixava na atmosfera um perfume acre e agradável.

Mais adiante um inglês carrancudo e vermelho conduzia um automóvel barato, carregado de raparigas garrulas de trajes ligeiros, saias curtas mostrando as ligas que não se apressavam em ocultar e que os rapazes não manifestavam grande interesse em espreitar. Nos gestos largos, no à vontade do porte notava-se, à primeira vista, que aqueles ingleses, alguns d'elles talvez já nascidos em Portugal, nada haviam perdido dos seus hábitos, muito mais salutaros do que os portugueses.

Encaminhamo-nos para a praia pela estrada que atravessa a quinta onde se erguem, aqui e acolá, grandes casarões pardacentos, e nessa estrada senti-me um estrangeiro porque a cada momento deparava com um aviso ameaçador: *Não é permitida a passagem de pessoas estranhas para os lados da estrada*. E os lados da estrada seduziam com a sua mata densa de pinheiros, a cuja sombra apetecia descansar. Mas nem pensar em transgredir o aviso, porque os ingleses escorraçar-me-iam, a mim mais depressa do que outro qualquer, visto pertencer a uma raça inferior e bárbara que não teve engenho para inventar os *matches* de box nem os combates de galos.

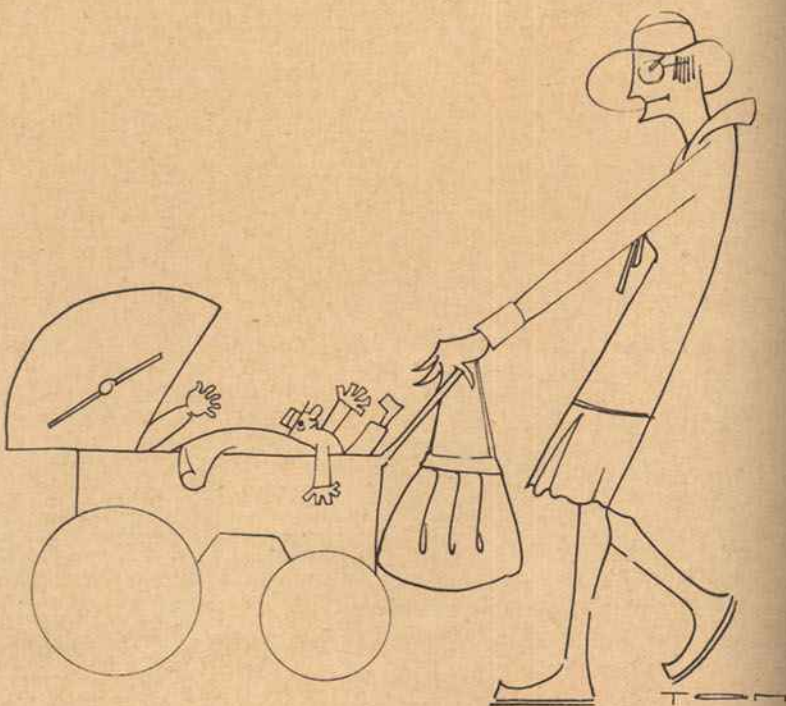
Olho triste e saudoso na mata apetecível, lá fui andando sempre, sem me deter, até ao portão, onde outro letreiro me avisava de que a passagem era interdita das 21 horas em diante, e corri para a praia dourada e vasta, onde o ar do Atlântico me parecia mais respirável e as ondas não mostravam em sua crista alva qualquer letreiro de proibição aos meus bárbaros apetites de liberdade.



Os banhistas eram numerosos e britânicos também, fatos de banho reduzidos ao mínimo, num simpático desprezo pelas conveniências, carnes queimadas pelo sol, vendendo saúde por todos os poros. Garotinhos quasi nus, cabelos loiros e ralos, corriam e brincavam na areia. As mães, sob os toldos brancos, costuravam, pouco se importando que a garotada se aproximasse das ondas. Os pequenitos principiavam, assim, a aprender a defender-se do perigo por seus próprios meios e a dispensar o apoio materno que, nas crianças portuguesas, serve quasi sempre de estêreo ao livre desenvolvimento da vontade.

A observação d'estes quadros, destas ligeiras scenas da vida inglesa, mais uma vez me convenceu de que os subditos de Sua Magestade Britânica seriam pessoas adoráveis se não tivessem aquella inferioridade de se considerarem superiores a todas as raças.

MÁRIO DOMINGUES.



CARIDADE

O nome de Francisco Pina não é totalmente desconhecido dos leitores desta revista. A nossa seção de crítica literária já fez condigna referência ao livro com que o fôvem escritor se deu a conhecer ao público espanhol, um consciencioso e bem nutrido estudo sobre a forte personalidade literária de Pio Baroja, em que abundam notas de agudeza perceptiva e invulgar ponderação, despidas de tôdas as florituras que, ainda hoje, tanto atraem os moços estetas e as engalanadas múmias dos dotes países peninsulares.

D. Ramón subiu apressadamente a gola do sobretudo de peles. Estava um frio intenso. A rua, quasi deserta àquella hora do entardecer, parecia ter absorvido, na sua atmosfera turva, a cor suja e plúmbea do asfalto.

— Que terrível noite nos espera! — pensou o D. Ramón, afugando voluptuosamente o pescoço e a cara entre as tépidas peles do seu casaco.

Apesar de tudo, nem o frio nem o aspecto triste da rua conseguiam avimagnar-lhe o humor. Sentia-se contente, mas, verdade seja, que não sabia porquê. Talvez o bom curso dos seus magníficos negócios; ou talvez — quem sabe! — se encontrasse num desses momentos de optimismo para o qual não há, aparentemente, um motivo determinado e cuja origem reside numa série de circunstâncias. Aquella boa disposição provinha sem dúvida, em primeiro lugar, do curso excelente dos seus negócios, e, depois, da tarde esplêndida que tinha passado.

Na companhia da Manolita, sua amiga e protegida, o D. Ramón sentia quasi sempre o animo retemperado. Aquelle bibelot de líbios pintados

e cabelo oxigenado, cujo sustento lhe custava muitíssimos duros, tinha a virtude de lhe fazer esquecer a vida agitada e enfadonha dos negócios. Porque o D. Ramón não era, longe disso, um sentimental; era, antes, uma ave de rapina, um homem de agudo senso prático e de consciência bastante clássica, que apreciava delirantemente os prazeres materiais; era, acima de tudo, um sensual, um bom cevado da grande mamado de Epicuro.

Seguiu pela rua da Puebla, pensando, com repouso, na boa impressão que deixara em Manolita o seu último presente. Ao chegar ao fim da rua para se meter no automóvel que o esperava na da Colegiata, deu com os olhos num mendigo que se preparava para tocar violino.

Era a primeira tarde que reparava no pobre violinista; sentia despertar em si, súbitamente, o sentimento da compaixão. Metia dô realmente ver aquelle pobre cego, com um sobretudo estarrapado, apoiado na esquina, afinando torpemente o instrumento com as suas mãos arre-xeadas e hirtas. A cara fazia lembrar a dum

Cristo de Van Dyck, que fôsse cego e tivesse a barba grisallia; era um rosto pisado com o estigma de tôdas as dôres humanas. O D. Ramón pensou na noite que ia padecer aquelle infeliz a tritar na esquina para jntar uns míseros céntimos. A Manolita certa vez tinha-lhe falado do violinista cego. Dissera-lhe que fôra um artista na sua juventude, mas a fatalidade e a cegueira tinham-no levado àquella vida horrível. E lembrou-se também que a sua amiga Manolita se tinha referido ao mendigo com essa simpatia que as cortesãs, as de alta posição como as humildes, sentem por todos os desgraçados.

O D. Ramón enterneceu-se mais ainda com esta lembrança e acercou-se mais ainda com esta lembrança e acercou-se do mendigo disposto a fazer uma boa obra. Tocava êle uma romanza, com os olhos inexpressivos, perdidos no vácuo. Pegou-lhe num braço e disse-lhe:

— Porque saíste numa noite destas? Hoje ninguém te dá nada...

Aquella voz antipática e autoritária, que perseguia, em vão, assomos de ternura, arrancoo do seu êxtase o desgraçado violinista.

— Não tenho outra vida, senhor — replicou com voz doce e arrastada. Se não me ponho aqui a tocar, não como.

— Com êste frio, quem diabo se vai dar ao incômodo de ouvir a tua música?

A voz de D. Ramón era despótica como sempre. O cego não respondeu a estas palavras.

— Ouve — proseguiu o D. Ramón — faz-me



pena ver-te aqui numa noite tão cruel. Al tens um duro — e accentuon esta palavra — e vai-te embora; meto-te em casa.

Pronunciou estas palavras com o seu habitual tom de altivez. O mendigo considerou-as humilhantes.

— Senhor — replicou — que ganharia eu recolhendo-me esta noite nas minhas águas-furtadas, se amanhã terei de voltar a sair e sofrer certamente o mesmo frio? *Prefitro não me habituar a maus costumes.* (Havia na sua voz um leve acento de ironia que não agradava muito ao D. Ramon). Eu não me posso permitir certos luxos...

Estas palavras esfriaram-lhe um tanto a compaixão. Respondeu:

— A-pesar disso, quero que esta noite me obedças. Vai para casa. Com um duro podes ceiar bem e ainda te resta para dois dias mais...

— Agradeço-lhe a sua boa caridade, senhor; mas compreenda que se me retiro, a noite de amanhã á intempérie será ainda mais dura para mim.

O cego, que era um farrapo humano, sentira, no entanto, a sua dignidade picada com as palavras do D. Ramon.

— Que attitude tão peregrina! Nunca na minha vida dei com um caso d'estes! — resmungou o potentado. Ou eu me engano muito ou o orgulho foi a causa da tua perdição.

— Não sou orgulhoso, senhor. Como posso eu ser orgulhoso? A vaidade é luxo de ricos. O meu único orgulho consiste em fazer vibrar com este violino a alma dos homens simples. O meu modesto público é constituído por gente humilde que me socorre e não me exige nada.

O D. Ramon começava a perder a calma; aquelas palavras soavam-lhe á estupidez e á soberbia.

— Bem — interrompen seccamente — está muito frio, e não posso perder mais tempo. Toma este duro e vai-te embora.

Insistia porque assim lho ordenava a sua casmurrice, e porque, estando habituado a ser sempre obedecido, não se resignava facilmente a ser desobedecido por um simples mendigo. Este, por sua parte, sentia repugnância por aquele homem que praticava a caridade como quem pratica algum desporto.



Disposto a recusar a moeda que se lhe oferecia, respondeu com apurmo:

— Sinto muito, meu senhor, não lhe poder ser agradável. Pode-se dar uma esmola sem se exigir nada. Com um duro quero o senhor comprar a tranquillidade da sua consciencia, disfrutando o prazer de evitar que um desgraçado se gele na via pública. Mas, concorde comigo, que pretende comprar muito barato... Deixe-me nesta esquina, onde devo estar toda a minha vida, e tranquilize a consciencia por outros processos. Que adiantarmos — o senhor e eu — com que mitigasse por uma só noite o horror da minha vida sombria? Amanhã o senhor estará, é certo muito satisfeito e reconciliado com a sua consciencia; mas eu voltarei a gelar-me nesta esquina.

— Que série de tolices está este homem para aí a dizer? — irrompen, colérico, o D. Ramon. Quem demónio te disse que eu tenho a consciencia intranquilla? Graças a Deus não tenho nada que me recrimine. Merecias, pelo teu orgulho, que me retirasse sem te deixar a esmola, mas compreendo o teu mau-humor e perdoo-te. Pela última vez — continuou já mais calmo, entregando-lhe o duro — prometes ir para casa se te der as cinco pesetas?

O cego fez um gesto de repugnância e respondeu enérgicamente:

— Não me moverei d'este sitio!

— Serão para outro. Não faltam pobres em Madrid.

— Como quiser — balbuciou o violinista.

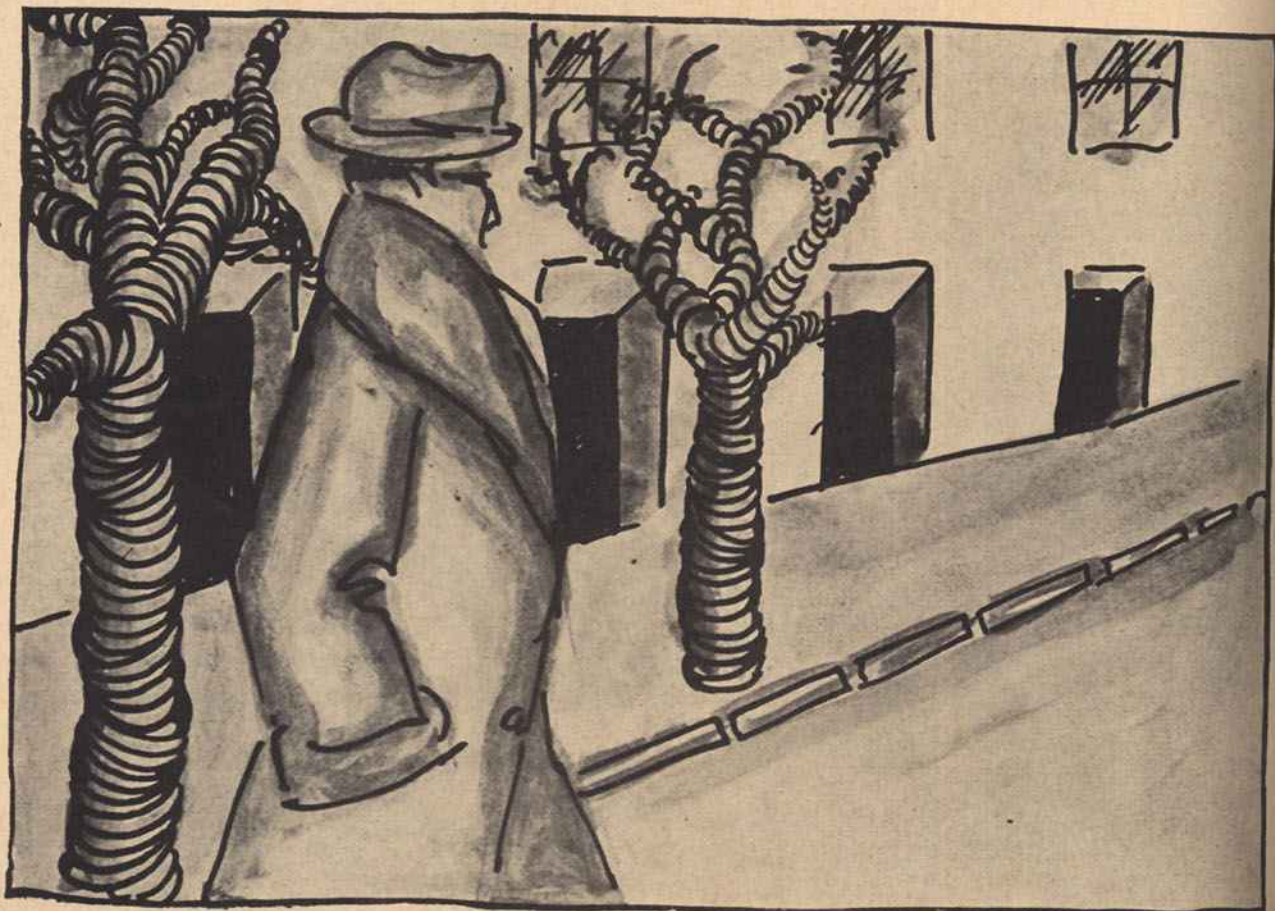
Então, o D. Ramon, fora de si, exclamou com expressão de raiva mal reprimida:

— É claro! Tinhas que cair nessa miséria. A tua soberba só conduz á ruína. Todo o mundo há de saber quem tu és! Eu encarrego-me disso. Fica descansado...

E retirou-se rapidamente, resmungando. O eco dos seus passos perdia-se a pouco e pouco.

O mendigo apoiou-se na parede; bateu no chão os pés entumecidos; sorriu estranhamente, com um sorriso que mais parecia um esgar. Caía a noite. Elevavam-se novamente no ambiente frio as notas tristes do seu violino. A escuridão começou a envolver a desastrada figura do cego, cercada agora por um duplo muro de trevas...

FRANCISCO PINA.



REPORTAGEM LITERÁRIA

QUANTO GANHAM E COMO VIVEM OS "AZES," LITERÁRIOS DA ESPANHA, FRANÇA E INGLATERRA

(CONFIDENCIAS, INDISCREÇÕES, INTIMIDADES E EXTRAVAGANCIAS)

(Conclusão)

Fôsse como fôsse — os seus primeiros livros venderam-se. E sondando o público no romance — como já o fizera na crônica — êle, o Cruzado das Moralidades Burguesas — despiu os seus argumentos e a sua prosa como os *melleurs-en-scène* das revistas de feira desnudam as suas miseráveis *girls*: sem arte nem delicadeza, mas procurando com a máscara da arte a lascívia ignóbil dos espectadores.

A pedra filosofal da alma do sr. Vantel foi encontrada em 1922 — com o *Mon Curé chez les riches*. Não foi capricho do azar, não foi roleta da sorte. Foi uma reacção natural e química. Foi a junção de tôdas as experiências por êle tentadas — foi a soma total de tôdas as suas espertezas. E a venda chegou a alcançar uma média de três mil exemplares diários.

Dali por diante o sr. Vantel deixou de andar a pé no caminho das letras. A fama e a riqueza levaram-no sobre as rodas velozes, por um estrado liso e inclinado. Adaptado ao teatro, *Mon curé* deu, no fim do primeiro ano, dois milhões ao autor — e continuou a ser representado por toda a França e por toda a Europa. Adaptado ao cinema — ejaculou para os cofres do sr. Vantel outras tantas chuvas de ouro. E simultaneamente a êstes êxitos o sr. Vantel acelerou a sua actividade de romancista. Os livros amindaram-se... Os *Mon Curé* surgiram sob os aspectos mais variados... E o sr. Vantel deve ser hoje uma das boas fortunas da França.

IX

PIERRE BENOIT — O DA EMOÇÃO
A FRIO

Pierre Benoit é outra louça. Não se trata, positivamente, de Sévres, de Limoges ou de Saxe — mas não é, tão pouco, do barro vidrado do sr. Clement Vantel.

O fenómeno mais curioso no autor da *Atlantida* é a sua artificialidade — o seu comodismo, a ausência confessa dos mais elementares recursos para romancista — êle que, como romancista teve os *grands-prix* deste primeiro quarto de século.

Funcionário público no Ministério da Instrução — parecia destinado a morrer chefe de repartição. Pouco antes da guerra — em 1913 — publicou um livro de versos; e logo a seguir a sua melhor obra — ainda não suplantada por nenhum dos *exilazos* que lhe seguiram: *Königsmark*.

Dedicando-se desde infêio a romances de imaginação — êle é anémico, sem estômago nem criação para o mais ligeiro *looping-the-loop* de fantasia. Devendo manter sempre crepitante, nas suas páginas, uma emoção que aquecesse, avermelhando e dedilhando os nervos dos leitores — êle é gélido, parecendo molhar a sua pena em sorveteiras em vez de tinteiros. Evocando sempre pasagens exóticas, países a côres, orientes de grande espectáculo — os seus descriptivos não têm scenografia nem sequer desenho.

E contudo triunfou — e encheu-se de no-

tas. A sua primeira apoteose foi a da *Atlantida* — e observando, dos bastidores, o segredo da sua mecânica — se obtém as *gazuas* que nos introduzirão em todos os escaninhos da sua carreira.

Adivinha-se sem dificuldade que êle escolheu o seu género — não porque o sentisse melhor mas porque viu que possuía o mais poderoso e rápido motor para o *raid* projectado. Vasculhou as estantes e descobriu o que queria; um bom livro pouco lido: *She*, de Ridder Haggard. E não hesitou. Foi-se às peças essenciais do seu interesse e descolou-as cuidadosamente — como se abre uma carta que é dirigida a outrem ou como se arranca dum envelope um selo que escapou ao carimbo dos correios. Depois aprendeu a *frio* — Benoit é o mais frio dos romancistas que conheço — os moldes, a carpintaria, os *trucs*, os *écrits*. E com êles emoldurou o interesse plagiado no romance inglês — não só não disfarçando o plágio como procurando-lhe um destaque.

As suas intenções estão bem de ver. Ele queria ruído à volta do seu livro: gongos, saxofones, apitos, assobios, *klaxons*... E não existe melhor maestro para êsse *jazz-band* publicitário do que o escândalo.

E êle estrondeou — grandioso, iluminado de relâmpagos, roncando trovões — tal como Benoit ambicionava. A *Atlantida* era mais do que um plágio: era um sonho! — afirmavam uns. Que não: que nem sequer se notava influência do autor de *Benita!*... — diziam outros! Que era uma simples coincidência — mas que a obra de Benoit era mercúrio sobre fogo comparada à *She* inglesa! — garantiam terceiros...

E enquanto no campo de batalha da crítica se cruzavam as azagaias — o público corria às livrarias para ver quem tinha razão — e as edições escoavam-se como se as estantes estivessem rôtas.

O caso foi levado para os tribunais; Benoit ganhou a questão depois de ter ganho quasi quinhentos mil francos com a obra.

O caminho estava aberto — e a fórmula de chamar o público estava encontrada. E Benoit, com a campanha a retimir à porta da sua barraca, lançou logo *Pour Don Carlos*,



MAURICE DEKOBRA

Le Lac Salé, La Chaussée des géants, Le Puit de Jacob — e não sei quantas dezenas de romances. E sempre, para cada um que saía da imprensa — êle criava um novo escândalo.

Estirpou períodos inteiros ao Papá Hugo — que depois enxertou, com a habilidade do dr. Voronoff, no seu *Lac-Salé*. Os bisturis críticos deram logo com a escamoteação — e ergueram, ameaçadores, os seus lategos. E Benoit, muito sorridente, como ilusionista que vê o público atontado com as suas proezas, explica.

— Fiz isso de propósito. Os senhores acusavam-me de não saber francês. E vai daí eis-me a enrustar na minha prosa — *puzzles* da prosa do grande mestre para que, quando vocês repetissem a acusação eu lhes saltar e perguntar-lhes com que autoridade criticavam o autor da *Légende des Siècles*...

E enquanto o pau ia e vinha — *Le Lac-Salé* folgava e vendia-se como as pilulas Pink.

Projetou depois fazer uma epopeia com a epilepsia nacionalista dos irlandeses. Escreveu *La Chaussée des géants* — mas antes de a projectar para a arena *faz-se* raptar em automóvel, escreve cartas anónimas à policia e injecta na opinião pública a lenda que alguém temia as revelações politicas contidas na sua futura obra, e por isso fôra levado de refens como arma de *chantage* contra o editor: ou êle destruía todos os exemplares já impressos — ou o sr. Pierre Benoit era torturado por todos os suplicios inquisitoriais.

Resultado: protesto da embaixada inglesa, chacota dos *reporters*, que acabaram por descobrir o romancista mui tranqüilo num refugio voluntário dos arredores de Paris; expulsão do seu lugar burocrático — e duzentos mil livros vendidos enquanto o Diabo esfrega um olho...

Pierre Benoit, económico, metódico, ganancioso, vendendo a preço de ouro os direitos cinematográficos das suas obras (um milhão de francos lhe pagou Raquel Meller pela *Ronde de Nuit*), está hoje riquíssimo. Alberto Insua, numa crónica publicada no *Nuevo Mundo*, em 1921, considerava-o o escritor mais lido da Europa, depois do autor do *Quo Vadis*. Das suas obras vende-se, habitualmente, todos os anos, mais de um milhão de exemplares. Maurice Dekobra destronou-o um pouco — mas destronou-o quando êle viajava no seu *hiate* pelo Mediterrâneo...

Invejável destronamento...

X

O ÊXITO RELAMPAGO DE DEKOBRA

Maurice Dekobra é o mais intelectual dos três. Intellectual, moderno, pessoal — e brilhante. Dekobra é bem o romancista da sua época, a antena receptora de todos os vícios, de todas as tendências, de todas as vertigens, de todos os minúsculos *puzzles* da vida moderna. Êle estuda as metamorfoses das almas

— como o Abade Burgutte estuda os insectos ou como os bacteriologistas estudam os bacilos. Os seus romances são enormes choceadeiras de minúcias.

Não é totalmente original o seu processo de trabalho. O germen do seu triunfo foi encontrá-lo nas novas teorias da psico-análise. Mas essas teorias tinham sido apenas cosidas a frio pelos médicos. Dekobra vestiu-as de corpos humanos; recheou-as de almas etiquetadas, deu-lhes cenário, tablado, ribalta, conflito — interesse e lantejoulas de estilo. Dekobra venceu. Dekobra é hoje um dos *kings* do franco, na literatura francesa.

Mas, ao contrário do que muitos supõem —



SIR ARTHUR CONAN DOYLE

o seu êxito não foi rápido, espontâneo, como êsses *puddings* de forma dos anuncios — que se fazem em cinco minutos.

Antes do triunfo labutou muito, sofreu muitas desilusões; conheceu o Não agreste dos editores e dos directores de jornais. Falando bem o inglês — e escrevendo com relativa comodidade — quis desprezar a França e tentar os dollars, do outro lado do Atlântico. Conseguiu umas colaborações — e lá foi travar conhecimento com Nova York, após oito dias de uma péssima classe intermediária. Não obteve a esperança sequer do êxito combinado. As cartas de apresentação valeram-lhe apenas a encomenda de novelas idiotamente piegas — ou de contos inverosivelmente policiaes. Ganhou uns dollars — mas, como não assinava, nem sequer roçou pela popularidade.

Se a sua bolsa e a sua vaidade nada ganhavam com esta estadia ante êsses autómatos

humanos que são os americanos — a sua mente ganhou senso prático, instinto para o cálculo, a medição serena e mecânica da sorte. De regresso a França não hesitou. O dr. Freud, com o seu aparelho clinico de raios X de corações, de cérebros, de almas, iluminando os recônditos da inconsciência e dos instintos humanos, ofereceu o barro que os dedos de indiscutível vocação novelística moldaram. Vieram *Minuit, Place Pigalle; Mon cœur au ralenti, La Madone des Sleeping* (os 90º do seu êxito), *La Gondole aux chimères* — e a sua contabilidade particular, revelada em 1926 pelo entrevistador Romain Gsell: uma venda total de quatro milhões de volumes — ou seja uma receita de cinco milhões de francos... liquidos!

XI

CONAN DOYLE, O PAPÁ DE SHERLOCK

Inglaterra com o seu vastíssimo mercado de livros e magazines — continental e colonial — não é, como se podia supor, o paraíso de ouro dos escritores. Ao contrário da França, dos Estados Unidos, da Alemanha — e da própria Espanha, — não abundam os milionários das letras. Três razões explicam este contrasenso: a primeira é que, a super-abundância de variedades, a successão ininterrupta de obras, o *roulement* contínuo nos *music-halls* das *vitruines* — não dão tempo a que os livros se divulguem e atinjam grandes tiragens. A industria editorial inglesa divide-se em duas categorias: — as obras de luxo, caríssimas, destinadas a um público muito reduzido; e as do grande público, inverosimilmente baratas. Das primeiras registam-se edições numeradas de quinhentos exemplares; das segundas conhecem romances de trezentas páginas, recheadas de gravuras, que custam meio *shilling*. Em ambos os casos o escritor não pode exprermer do seu trabalho proventos quantiosos.

A terceira razão é que, sendo fácil o alijamento no *metier* — êle é povoado por milhares de profissionais dos dois sexos — e por todos é dividido o mercado. Desta forma — raros são o escritor ou escritora inglesa que não «viva bem» das letras, que não cobrem delias sufficiente para bem se instalar; para se permitir o *gôzo* dumas passeatas por países exóticos — mas... mais nada. Para ameallar fortunas, e sobretudo fortunas de geração quasi espontânea, como as de Clément Vautel ou de Pierre Benoit — é que não chega...

E como as excepções é que formam as regras, os literatos do teatro — como Barrie, como Pinero, como o próprio mefistofélico Shaw, enriquecem a olhos vistos. Barrie — o originalíssimo comediografo do *Admirável Mr. Clarton* e de *Maria Clara* eterniza as suas peças nos cartazes (esta última fez uma série de mil representações seguidas em Londres), e considera-se, com justiça, um capitalista com os fundos do seu talento bem empregues numa exploração próspera.

Formam ainda excepção à regra geral os

romancistas mais internacionais: Conan Doyle, o papá de «Sherlock» — e Wells.

Conan Doyle pode ser considerado um «rico» — mesmo um «velho rico». Em 1925, quando o entrevistei em Paris, informaram-me que o rendimento da sua fortuna amealhada era de 15.000 libras por ano. Se agregarmos a essa cifra o pinga-pinga das reedições das suas obras; e os direitos das que elle ainda engendra nos intervalos dos seus estudos e experiências de psiquismo — obteremos um total aproximado de vinte mil libras — ou sejam mil e oitocentos contos de juro annuaes, correspondentes mesmo sob um cálculo de 8 por cento, a um capital de quasi vinte e cinco mil contos.

A biografia de Conan Doyle é um romance traduzido em todos os idiomas e fixo já em fódas as memórias. Médico militar, reformado no regresso duma campanha na Asia, influenciado pela tradição da familia muito dada ás letras e à arte (um avô seu colaborara na fundação do *Punch*), resolveu grangear outros meios de subsistência além dos da reforma. Quis escrever — criar um tipo de herói novelesco. Recordou-se dum antigo professor seu, na Universidade de Oxford, dr. Beld, um patusco que colecionava raciocínios como outros colecionam selos ou postais illustrados ou borboletas. E assim foi encontrado o tipo de Sherlock Holmes.

Compôs o primeiro episódio — e à aventura o subscitou para o director da *Standard Magazine*. Um ataque de febre o reteve sob fogo, durante algumas semanas — o que complicou extraordinariamente as suas finanças. Precisamente no dia em que o primeiro creador começava a apoquentá-lo — recebeu elle uma carta da *Standard Magazine* participando-lhe que o conto lora publicado. Junto encontrou Conan Doyle dez libras — soma superior à importância mensal da sua reforma.

Compôs outra aventura policial, e outra, e outra ainda — e só à quinta é que o director do magazine teve interesse em conhecê-lo — e lhe propôs um contracto de exclusividade de *Sherlocks*. As tiragens tinham triplicado — e Conan Doyle comprometeu-se a escrever para o *Standard* dōze novelas por ano... a vinte e cinco libras cada.

A sua popularidade rabiou logo em outros piroteónias por todo o mundo — e a sua actividade de bom inglês metódico e comercial acompanhou o desenvolvimento do seu negócio. Em 1897 — confessou-me elle na entrevista já citada — bateu o *record* da sua própria produção: cento e oitenta novelas curtas ou contos; trinta volumes — e mais de cem artigos ou crónicas.

Os seus contos são-lhe pagos actualmente, pelos magazines ingleses, por sessenta a setenta libras. Mas depois de publicados nos magazines são vendidos a um editor que tem o exclusivo dos direitos de tradução e que faz dobrar e triplicar o lucro inicial. E para remate são colecionados em livros e lançados no mercado como obras inéditas...

Dos seus romances não policiaes — o mais vendido em Inglaterra é o *Raffles Share* que alcançou já quinhentos mil exemplares...

XII

WELLS, A SUA OBRA, A SUA ESPOSA E OS SEUS RENDIMENTOS

Wells é um elenco completo de *vedettes* das letras. No cartaz das suas obras encontramos o filósofo risonho e de bom humor, à maneira de Mark Twain (como, por exemplo



H. G. WELLS

no *Tom, o metódico*); o filósofo-sociologo (*A guerra do Futuro*); o romancista de fantasia juliovernesca (*A guerra dos Mundos*); o engendrador de aventuras quasi policiaes, à maneira de Gaston Lerroux (*O Homem Invisível*); o simbolista delicado, intencional e lírico, momentaneamente (*Terra de cégos*). E se bem procurássemos toparíamos com o *blagueur* galante, à laia de Paulo de Kock, com o evangelista de doutrinas avançadas, à Marx; com o romancista dinamítico, à Gorki; com o épico das belezas coloridas, à D'Annunzio — e com o agnarelista forte, à Blasco Ibañez.

Todos os géneros o tentam — e de todos sai vencedor. E sempre — por muito paradoxismo que isto pareça — pessoal, intelectual e artista!

A obra de Wells lembra um pouco a pescadinha frita tal como é apresentada ao público nos tascos lisboetas. Elle começou-a — como a está rematando agora. Os seus primeiros livros berravam, másculos e impertinentes, as suas tendências sociais, as suas inclinações de pensamento e de gosto. Mas, pelo visto, em Inglaterra tem de se começar nos bicos dos pés. Para o dogma britânico — dogma do método, da disciplina e da hierarquia — não se pode, no início da carreira mostrar génio nem sequer talento. Para os britânicos, génio ou talento é uma coisa que vem depois, com a prática; é uma espécie de posto militar — algo como as divisas

de general que só podem ser ganhas depois de um determinado número de anos no activo das casernas.

Agravando os pessimismos dos seus concidadãos — havia o dispêndio de tempo exigido pela manufactura muito trabalhada das suas obras. Demorava a escrevê-las — e eram mal pagas. O resultado foi lógico. Wells, para não abdicar das suas comodidades materiais, teve de descer às caves dos magazines e transigir com o paladar dos seus clientes. E só depois de muitos anos de êxito plebeu — é que lhe foi permitido voar de novo para junto do seu próprio valor.

Ignoro a quanto monta a fortuna de Wells, mas sei que faz uma vida príncipesca. Os seus artigos estão antecipadamente vendidos não só a um *trust* de jornais ingleses como a várias agências internacionais. O *Daily Telegraph* ou o *Daily Mail* — não estou bem certo — propôs-lhe o exclusivo para o Reino Unido por cinco mil libras annuaes...

Wells esteve há poucos anos em Portugal. Hospedou-se no Hotel Itália — no Estoril. Acompanhado de Alejo Carrera tentei uma entrevista. Surpreendi-o cercado pelo seu sequito: dois secretários, uma dactilógrafa e um criado. No seu quarto teclava-se simultaneamente em três máquinas de escrever.

Alejo Carrera recebera instruções de *El Sol*, de Madrid, para lhe comprar os direitos para espanhol de uma série de artigos annunciados em Inglaterra. E Wells, encolhendo os hombros, respondeu:

— Impossível responder-lhe! Eu escrevo todos os dias o que me apetece — sem destinar a nenhum jornal, se é artigo, ou a qualquer editor, se é livro. Os trabalhos, depois de arredondados, rematados, corrigidos, são enviados a minha mulher. Minha mulher é que depois os distribui e cede os direitos de tradução pelos contractos que tem assinado em meu nome. Eu só sei que elles estão publicados quando ella m'os envia... Se *El Sol* pretende tratar d'esse assunto que se dirija a minha mulher...

A esposa de Wells faleceu há poucas semanas. E segundo corre pelos bastidores literários a ella deve o admirável inventor dos *Viajantes da Lua* — a intelligência comercial de exploração da sua intelligência literária...

Já sei... Os leitores esperavam que neste último capítulo eu rematasse as «intimidades» revelando-lhes os segredos financeiros dos escritores nacionais.

Deus me livre!

Os pequenos não gostam de se exhibir ao lado dos gigantes — e os pobres não querem aparecer com a modestia das suas roupas junto às exuberâncias de luxo dos afortunados...

A roupa, mesmo quando não seja mas apenas remendada, lava-se em familia...

REPÓRTER X.

(Mascarat de Tagarro).

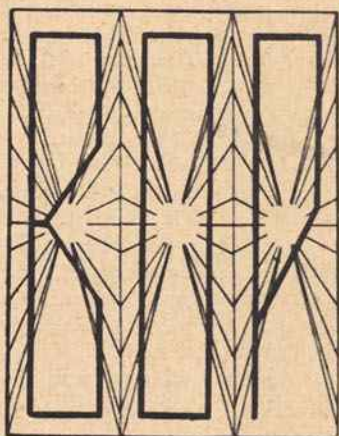


Passatempo

ILUSÃO OPTICA

Estas letras serão formadas de linhas ligeiramente curvas, ou de linhas perfeitamente rectas?

Inclinem a página, de modo a formar um



certo ângulo com os olhos, fitem-as um momento, e hão de verificar que são rectas, traçadas com a mais perfeita regra! Curiosa ilusão de vista!

— — —

—Estou falando a Madame Pompon?— perguntou um sujeito que tinha subido vários lances de escada e sido introduzido numa sala bastante escura.

—Sim senhor,— respondeu a imponente personagem a quem ele se dirigira.

—A célebre vidente e chiromante?

—A própria.

—Lê no pensamento?

—Com a maior facilidade.

—Prediz o futuro?

—O futuro não possui mistérios que eu não possa desvendar.

—Pode revelar o passado?

—Os annos de todas as coisas passadas são para mim um livro aberto.

—Então,— disse o visitante tirando febrilmente da carteira uma mão-cheia de notas— precisava que me dissesse o que era que minha mulher queria que eu lhe levasse para casa, sem falta, esta tarde.

— — —

Um figurão arruinado dizia para um velho negociante:

—Quer o senhor ganhar cem contos? Proponho-lhe a maneira de o fazer.

—Como?

—O senhor tem uma filha; tenciona dar-lhe oitocentos contos de dote.

—É facto.

—Pois bem; dá-lhe apenas setecentos e eu caso com ela.

EFEITOS RETROACTIVOS

—Você anda pálido e magro, homem. O que é que tem?

—Trabalho, muito trabalho! Desde pela manhã até à noite, e só com uma hora para descansar.

—E desde há quanto tempo dura isso?

—Hei de começar amanhã.

— — —

UMA PENADA DIFÍCIL

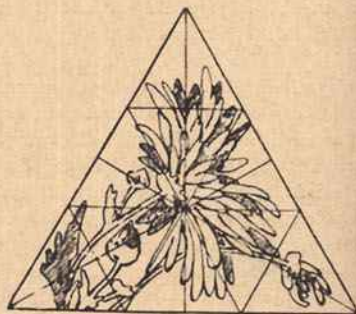
(Problema)

Qualquer a quem se diga que este quadrado, com o risco que tem no centro, foi traçado de uma penada só, não o acreditará, decerto; e contudo, assim foi.



UMA FLOR

(Solução)



Eis a flor que se procurava obter, no interior de um triângulo equilátero.

— — —

NATURALMENTE

A dama, *preguntadora*:—E qual das suas irmãs casadas lhe parece ser a mais feliz, Laurinha?

Laurinha:—Ora, a última que casou, está bem de ver.

— — —

PARA CONSOLAR O AVÔ

A mãe (*em voz muito baixinha*):—Olha, Joãozinho, o teu avô está muito doente. Dize-lhe tu alguma coisa boa, para o animar um pouco.

O Joãozinho (*com voz grave*):—Avôsinho, não gostava de levar soldados no seu enterro?



Ela:—Se te afastasses um pouco mais para traz, meu filho, que assim só se te vêem os pés?



SENDO O MELHOR GRAMOFONE

RECOMENDAMOS PARA OUVIR



A
NOSSA EXPERIENCIA está á
vossa disposição para a escolha do
modelo adequado a V. Ex.^ª
O «VIVA TONAL» COLUMBIA 1929
é o melhor gramofone que se conhe-
ce. Esta afirmação é baseada nas opi-
niões de eminentes musicos e peritos.
Não encontrará melhor por muito di-
nheiro que deseje gastar.
Convidamo-lo a OUVIR uma GRAFO-
NOLA COLUMBIA SEM QUALQUER
OBRIGAÇÃO.
Os nossos revendedores estão á vossa
disposição assim como os

COLUMBIAS PORTATEIS

Desde Esc. 750\$00 a 1.800\$00

MODELOS DE MESA

Desde Esc. 1.650\$00 a 1.800\$00

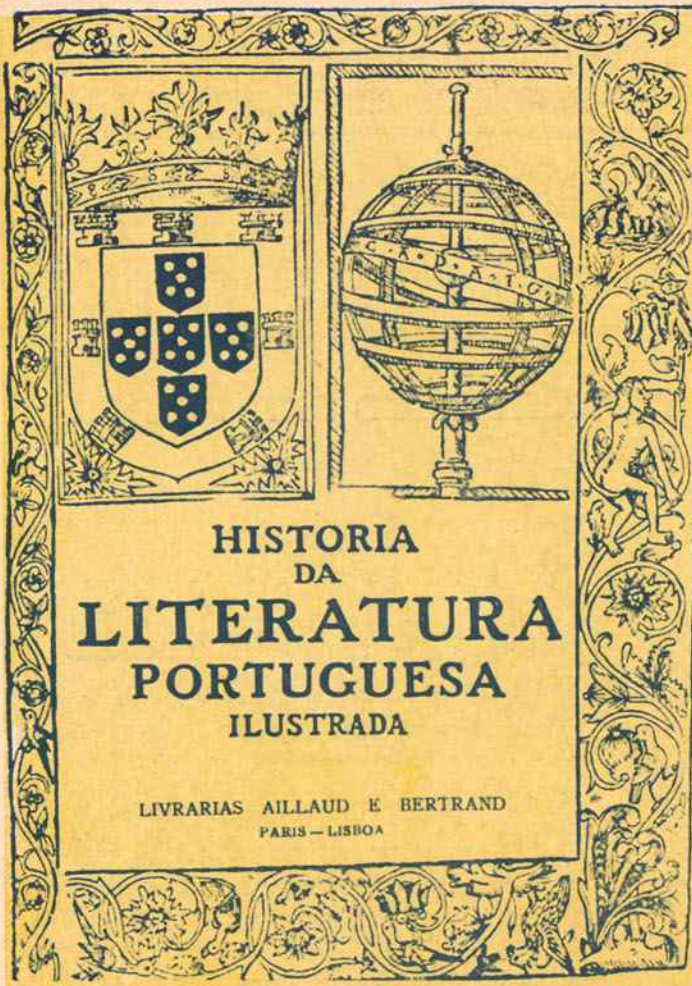
OUTROS MODELOS

Desde Esc. 2.400\$00 a 5.500\$00

AGENTES GERAES

P. SANTOS & C.^A L.^{DA}

Rua Garrett, 57-59-61



HISTORIA
DA
**LITERATURA
PORTUGUESA**
ILUSTRADA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

Está publicado o fascículo XII, completando o

I VOLUME

desta grandiosa obra e contendo o **INDICE**,

CAPAS DE BROCHURA ESPECIAIS,

ROSTO e ANTE-ROSTO do 1.º volume

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS :

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	50\$00	118\$00

REGISTRADO			
AFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL e ESPANHA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU e TIMOR.....	36\$00	70\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00
Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem			10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NUNES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAÍO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CESTOVIL RIBEIRO, secretario geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORLEO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITE, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JULIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUIS XAVIER DE COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretario Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES HENSBART AMERLACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO CORLEO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUIRÓS VILMOLO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
A. COSTA SANTI, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHE,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

- CONTERA**
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, e obras.
- CONSTITUINDO**
um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.
- ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO
- CADA TOMO..... 10\$00